

TURISMO E LAZER NO
ESPAÇO LITORAL DE DÍL,
TIMOR – LESTE A PRAIA DA
AREIA BRANCA

JESUINA MARIA MENDONÇA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
TURISMO

Jesuína Maria Mendonça

**TURISMO E LAZER NO ESPAÇO LITORAL DE DÍLI, TIMOR-LESTE
A PRAIA DA AREIA BRANCA**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Turismo
Orientada pela Professora Doutora Inês Amorim

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

Julho de 2016

TURISMO E LAZER NO ESPAÇO LITORAL DE DÍLI, TIMOR-LESTE A PRAIA DA AREIA BRANCA

Jesuína Maria Mendonça

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Turismo
Orientada pela Professora Doutora Inês Amorim Brandão da Silva

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Castro Seixas
Faculdade de Ciências Sociais - Universidade Técnica de Lisboa

Professor Doutor Luís Paulo Saldanha Martins
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Inês Amorim Brandão da Silva
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores

**Nada é impossível, a própria
palavra o diz, “I am possible” 😊
(Audrey Hepburn)**

Sumário

Sumário	4
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Listas de Figuras	9
Listas de Quadros ou Tabelas.....	11
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	12
Introdução	13
1. Justificação do tema	13
2. Objetivos de estudo	14
3. Fontes e metodologia	16
4. Estrutura de Trabalho	18
CAPITULO I – Turismo, Lazer e Turismo Costeiro	19
1.1. O conceito do turismo	19
1.2. O conceito de lazer	23
1.3. O espaço turístico e de lazer.....	25
1.4. O turismo costeiro	29
1.5. Os motivos de atração turística	31
1.6. As atividades ou práticas de turismo costeiro e de lazer – infraestruturas e condicionantes ..	37
1.7. Turismo, desenvolvimento e sustentabilidade.....	42
CAPITULO II – O TURISMO COSTEIRO EM TIMOR - LESTE	48
2.1. O país Timor - Leste – Breve Caracterização	48
2.2.O espaço turístico e de lazer na praia da Areia Branca	52
2.3 Políticas de Turismo em Timor - Leste, Turismo Costeiro e Planeamento.....	57
2.4. O perfil dos visitantes da Praia da Areia Branca.....	62
2.5. Os motivos, as atividades turísticas e de lazer na Praia da Areia Branca.....	66
Considerações Finais.....	70
Referências bibliográficas	73

Agradecimentos

A Deus, por me acompanhar nesta trajetória e carregou-me quando faltaram forças, concedendo-me sabedoria e paz.

À Professora Doutora Maria Inês F. de Amorim Brandão da Silva, minha orientadora, que merece o primeiro agradecimento, pois esteve sempre disponível para acompanhar o meu trabalho e as minhas preocupações durante o desenvolvimento do mesmo. Obrigada pelos ensinamentos, conselhos, ajuda e dedicação prestados, sem os quais esta dissertação não teria sido possível.

Aos docentes do Mestrado em Turismo, por me terem dado elementos científicos necessários ao desenvolvimento do meu projeto de dissertação final.

Ao Erasmus Mundus, Projeto ANGLE, que beneficiou, em termos de financiamento, a minha estadia de dois (2) anos em Portugal.

A Faculdade de Letras do Universidade do Porto (FLUP) por abrirem as portas para que eu pudesse realizar o meu sonho.

Aos meus queridos pais, “Paulo Mendonça e Terezinha Ribeiro”, por me permitirem estar empenhada na minha formação, lutando pelo meu futuro, longe de vocês.

A toda a minha família, pelo suporte, amizade e compreensão por não estar próxima de vocês, em especial ao meu querido irmão “Agostinho Ribeiro” pela coragem e apoio que me tem dado, em todas as fases da minha vida.

Ao meu namorado “Justino da Silva”, que estive ao meu lado durante esta fase, pelo companheiro, força e apoio em certos momentos difíceis.

Aos meus amigos/ amigas e colegas, que sempre me apoiaram e compreenderam as minhas ausências, e a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram na elaboração desta dissertação de mestrado.

A eles dedico este trabalho! ☺

Ninguém vence sozinha....**OBRIGADA A TODOS!**

Resumo

Esta dissertação debruça-se sobre a atividade turística e de lazer no espaço litoral da praia da Areia Branca, Díli, Timor-Leste, na sua capacidade de atrair todos aqueles que a usam como praia. Avalia as suas potencialidades e os seus recursos turísticos, as indústrias turísticas, as infraestruturas, equipamentos e acessibilidade. Apresenta também a política pública planeada por Timor-Leste e o quadro das atividades turísticas e de lazer como um conjunto dos fatores interligados para potencializar a praia da Areia Branca no contexto do turismo costeiro. Procurou avaliar o perfil dos turistas que a frequentam, descobrindo que tanto os turistas locais como os internacionais utilizam o espaço litoral como espaço público e de lazer. Avaliou-se a natureza das suas práticas relativamente aos motivos principais de atração, os recursos e infraestruturas turísticas existentes, a forma como os turistas se apresentam, se individualmente, se com família e amigos, que padrão de tempo de utilização desse espaço específico costeiro. Os turistas inquiridos deram recomendações para uma boa gestão do espaço litoral, a conservação do ambiente costeiro e dos seus atrativos e o desenvolvimento sustentável do turismo costeiro que se apresentarão como fatores de desenvolvimento futuro do turismo costeiro em Timor-Leste.

Palavras-chave: Timor-Leste, Turismo, Praia da Areia Branca, Espaço Litoral, Desenvolvimento Turístico

Abstract

This dissertation focuses on the tourism and leisure activity in the coastal area of the beach of Areia Branca, Dili, Timor-Leste in its ability to attract all those who use it as a beach.

It examines the spaces' potentialities and their touristic resources, industries, infrastructure, equipments and accessibility. Furthermore it also presents public policy, with regard to tourism and leisure activities carried out as a set of interrelated factors to enhance tourism in the mentioned area above. In addition, it shows that both local and international tourists use the coastal space as public space and leisure. Their practices of the use of coastal space depend on the existence of resources and infrastructure, the realization of tourism as alone, with family, with friends. In this regard, the respondents also recommend the tourism management of coastal space, the conservation of the coastal environment and its tourist attractions and sustainable development of coastal tourism.

Key-Words: East Timor, Tourism, Beach of White Sand, Coastal Tourism, Tourism Development.

Rezumu

Disertasaun ida ne'e koalia kona-ba atividade turístika no lazer iha espasu tasi-ibun Areia Branca, Díli, Timor-Leste, ninia kapasidade hodi dada ema hotu ne'ebé uza rai-henek mutin iha tasi-ibun. Avalia ninia potencialidade no rekursu turístiku sira, indústria turística, infraestrutura, ekipamentu no asesibilidade. Apresenta mós política pública ne'ebé planeada husi Timor-Leste no kuadru atividade turística no lazer nu'udar konjuntu husi fatór interligadu sira atu hakbi'it tasi-ibun iha Areia Branca iha kontekstu turizmu tasi-ibun. Buka avalia perfil turista sira ne'ebé hala'o atividade turística ne'e, hetan katak tantu turista lokál no internasionál sira utiliza espasu tasi-ibun nu'udar espasu públiku no lazer. Buka hatene natureza husi sira nia prátika ne'ebé iha relasaun ho motivu prinsipál sira ba atrasaun, rekursu no infraestrutura turística ne'ebé iha, forma oinsa turista sira apresenta-an, ida-idak, ho família no kolega sira, padraun tempu saída hodi utiliza espasu espesífiku tasi-ibun ne'e. Turista sira ne'ebé nu'udar objetu ba peskiza ne'e, rekomenda kona-ba jestaun diak ba espasu tasi-ibun, konsersaun no ninia atrasaun sira no desenvolvimento sustentavel turizmu tasi-ibun ne'ebé sei apresenta nu'udar fatór desenvolvimento futuro kona-ba turizmu tasi-ibun iha Timor-Leste.

Lia-fúan-xave: Timor-Leste, Turizmu, Tasi-ibun rai-henek mutin, Espasu tasi-ibun, Desenvolvimento turístiku.

Listas de Figuras

Figura 1- classificação de produtos turísticos

Figura 2 – Desenvolvimento e sustentabilidade

Figura 3 – Área por postos administrativos de Díli

Figura 4 - Mapa do País de Timor-Leste

Figura 5 – Chegadas de estrangeiros ao aeroporto de Díli, por país de origem - 2010 a 2013

Figura 6 - Imagem de praia Areia Branca Cristo Rei

Figura 7- Temperatura e precipitação médias, entre 2007 a 2013

Figura 8 – Evolução do número de veículos em Díli, entre 2008 a 2013

Figura 9 - Mapa Distrito de Díli e Suco Metiaut

Figura 10 – Licenças para construção civil, de 2007 a 2013

Figura 11 – Produção e consumo de eletricidade, de 2010 a 2013

Figura 12 – Número de subscritores de redes de comunicação, móveis e fixas, 2008 a 2013

Figura 13: Os tipos dos visitantes inquiridos segundo o local de origem

Figura 14: Distribuição dos visitantes de acordo com a idade

Figura 15: Grau de escolaridade

Figura 16: Número de visitantes (e %) de acordo com a profissão

Figura 17: Visitantes segundo o sexo

Figura 18: Distrito de origem dos visitantes

Figura 19: Os visitantes internacionais, de acordo com o país de origem

Figura 20: A natureza das visitas

Figura 21: Distribuição dos visitantes por tipo de atividades

Figura 22: Serviços de alojamento

Figura 23: A frequência das visitas

Figura 24: Tempo de permanência

Listas de Quadros ou Tabelas

Quadro 1 - Categoria motivacionais

Quadro 2 – Relação entre motivação turística e necessidades com base na teoria de Maslow.

Quadro 3 – Produtos do Turismo

Quadro 4 – Timor-Leste perfil população 2014

Lista de Abreviaturas e Siglas

OMT - Organização Mundial de Turismo

PED - Plano Estratégico de Desenvolvimento

SDN - Sociedade das Nações Unidas

OMT- Organização Mundial de Turismo

UNEP - United Nations Environment Program

UNWTO - United Nations World Tourism Organization

WWF - World Wildlife Fund

PEMSEA - Partnerships in Environmental Management for the Seas of East Asia

ESCAP - Economic and Social Commission for Asia and the Pacific

PASTA - Plan of Action for Sustainable Tourism Development in the Asian and Pacific Region

WTTC - Conselho Mundial de Viagens e Turismo

Introdução

1. Justificação do tema

As zonas costeiras como atração turística merecem um especial interesse desde os anos 50 do século 20. Atraem por várias razões. Pela oportunidade de usufruírem das águas, mergulhando nelas, da praia e do sol, da prática de algum desporto, tornam-se um espaço, por excelência, de promoção da aproximação social, convivendo diferentes grupos etários, gerações, peris sociais, envolvidos no prazer da aventura e da recreação (Wesley & Pforr, 2010). Na época contemporânea, o turismo costeiro emerge como uma forma atrativa, diversa, dinâmica, crescente e económica, apresenta uma gama de atividades orientadas por uma crescente instalação de infraestruturas e de equipamentos (Dowling & Pforr, 2009; Hall, 2001, 2005; Wesley & Pforr, 2009, citada por Wesley & Pforr, 2010, p. 773).

Genericamente, o turismo é considerado como um dos fatores que contribuem tanto para o progresso económico como para o desenvolvimento social (Ong & Smith, 2014:257). A integração do turismo costeiro como um dos subsectores do turismo leva a que se avalie quais são os benefícios socioeconómicos, qual o peso do investimento, a capacidade de empreendedorismo, o impacto das práticas recreativas e de exploração costeira. Por outro lado, há que ter em atenção que poderá exercer uma pressão sobre a costa com o possível enfraquecimento dos sistemas socioculturais e ecológicos do sítio (Clarke, 1998, citada por Wesley & Pforr, 2010, pp. 773-774). Alguns obstáculos chave prendem-se com a falta de infraestrutura que enquadrem os interesses crescentes das experiências turísticas sobre as bordas costeiras (Wesley & Pforr, 2010).

Tais constrangimentos podem variar entre comunidades costeiras, mas podem incluir a questão dos transportes, o uso da água, a gestão dos resíduos, a ligação, ou falta dela, entre as comunidades e os turistas (Gurran et al., 2006, citada por Wesley & pforr, 2010, p. 777). Contudo, um desenvolvimento costeiro adequado e apropriado é relevante e dependerá das distintas experiências costeiras (Wesley & Pforr, 2010).

Os impactos negativos estão associados, fundamentalmente, a danos ambientais, a desconfiança por parte das sociedades locais que se podem considerar privadas dos recursos costeiros locais (Gormsen, 1997; Smith, 2010; Wall & Mathieson, 2006, citada por Ong & Smith, 2014, p. 256). Estas desvantagens têm sido observadas no que diz respeito ao desenvolvimento de turismo costeiro em países considerados menos

desenvolvidos (Ong & Smith, 2014). Por outro lado, tem-se verificado uma fragilidade das instituições locais, com competências inadequadas em termos de planeamento, programas de gestão e orçamentos inadequados, provocando simultaneamente um problema de insustentabilidade da zona costeira (Ong & Smith, 2014)

No caso de estudo, Timor-Leste, trata-se de um país novo, do século XXI, e o turismo surge como um setor considerado fulcral para o desenvolvimento socioeconómico do país. No período do quinto governo constitucional (2012-2017), através de uma observação direta e pessoal, constatámos que a zona costeira designada por praia da Areia Branca está a ser palco do desenvolvimento de práticas recreativas e de lazer, que surgem como potencialidades do turismo costeiro e como fatores potenciais de promoção do turismo. A Charles Darwin University (2009) considera que o país tem, agora, uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento do turismo marinho, embora o ecoturismo costeiro se apresente de forma subdesenvolvida. Apresenta, também, limitadas infraestruturas de apoio, exigindo uma abordagem estratégica de planeamento regional do turismo costeiro. Este é o desafio fundamental para este trabalho, dado que não existe uma abordagem desta natureza.

Note-se, por outro lado, que a população de Timor - Leste não coloca o mar como o centro da sua atividade. A ida à praia, por exemplo, é uma prática isolada, é uma aproximação rara que só em dias de festa leva famílias à borda do mar. A minha experiência pessoal é a de uma imagem distante do mar e da praia no centro da vida dos Timorenses. Parece, por isso, que, culturalmente, também se está a viver uma transformação.

Assim, as questões apresentadas, os fatores positivos e negativos do turismo costeiro serão analisadas no presente estudo de caso, que procurará enfatizar as atividades e as práticas de turismo e de lazer e o seu contributo para o desenvolvimento turístico de Timor - Leste.

2. Objetivos de estudo

O turismo costeiro depende da existência de um ambiente aquático propício, da existência de praias, do sol e do desenvolvimento de condições geomorfológicas de acesso ao mar e de permanência nas suas bordas ou de entrada nas águas próximas. A sua prática torna-se uma atividade recreativa, de aventura, de convivência social e de desenvolvimento de cultura, do usufruto da praia integrada com o mar, beneficiando dos raios solares.

Simultaneamente, exige uma definição de políticas específicas, com o investimento na dotação de infraestruturas, equipamentos e acessibilidades que facilitem o desenvolvimento socioeconómico em geral e do turismo em si. Pelo contrário, pode gerar alguns problemas socioculturais e ecológicos na zona costeira, pelo confronto de usos da costa, como atrás se referiu. Estas questões poderão ser colocadas se se estiver a observar um caso específico, como o próprio título propõe, ou seja, perceber a evolução do uso da praia da Areia Branca. Assim sendo, os objetivos desta investigação são, fundamentalmente, quer de curto quer de médio prazo, porque se procurará identificar as potências espaciais e aquáticas da praia da Areia Branca como um recurso turístico para as práticas de lazer. Assim, poder-se-á concretizar nos seguintes pontos:

1. Identificar as indústrias turísticas e as suas infraestruturas, equipamentos disponíveis e as acessibilidades para o exercício das atividades de turismo costeiro e de lazer.
2. Entender a política de desenvolvimento do turismo costeiro no contexto do investimento infraestrutural, organizacional, de fomento de atividades, e a sua sustentabilidade para o exercício do lazer.
3. Conhecer as atividades turísticas e de lazer na zona costeira da Areia Branca.
4. Escrever um estudo que funcione como uma ferramenta que irá ajudar todos os envolvidos no planeamento e gestão do turismo sustentável, especialmente para o Ministério do Turismo em Timor - Leste.
5. Enriquecer a capacidade operacional das instituições e pessoas que lidam com o desenvolvimento do turismo.
6. Pretender servir como base de dados acerca das potencialidades existentes na praia da Areia Branca em Timor - Leste.
7. Ser um instrumento que estimule uma reflexão acerca do turismo em Timor - Leste e em particular o Turismo Costeiro.

A decisão de redigir um trabalho voltado para o desenvolvimento do turismo em Timor-Leste foi tomada pelo entendimento da necessidade de um investimento maior nesta região, por poder ser uma oportunidade para implantar uma ideia, como mola propulsora de desenvolvimento da região à volta do turismo costeiro.

3. Fontes e metodologia

Para superar os problemas existentes e para alcançar os objetivos indicados acima houve que seguir uma linha metodológica, plenamente consciente de que a única maneira de investigar seria percorrer alguns caminhos que exigem constante avaliação e reavaliação de dados.

Para tal seguiu-se um processo, como que um tipo de uma viagem, aproveitando cada momento para estudar e aprender as realidades de um novo tema e procurar experimentar novas maneiras de pensar e agir.

A pergunta de partida foi: "Como é que a atividade do turismo e lazer no espaço litoral em Díli Areia Branca se desenvolve". Na verdade, sabe-se que a fase inicial de um trabalho de investigação começa com uma questão de alargado espectro, mais geral. Mas, de acordo com Quivy (2008, p. 34) é muito importante fazê-la para avaliar a clareza, viabilidade e relevância do percurso a seguir. Por isso, é esperado que essa questão inicial nos leve a um foco temático cada vez mais específico.

Para Richardson (1989, p.29), o “método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação dos fenómenos”. A pesquisa deve ser planeada e executada em conformidade com as normas adaptadas a cada método de investigação. Assim, segundo o entendimento de Gil (1994, p. 42) a pesquisa tem por objetivo fundamental “descobrir respostas para problemas, mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Quando se seleciona um estudo de caso, segundo Triviños (1987, p. 113), é porque ele constitui “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. A opção pelo estudo de caso permitirá uma análise ampla detalhada sobre o funcionamento do processo turístico de Díli.

A elaboração de questões, a partir de todas as evidências recolhidas, na fase de exploração bibliográfica, destina-se a fazer um balanço de perspetivas existentes e determinar problemas que permitam a construção de modelos analíticos, a partir dos quais se possa construir hipóteses e estabelecer relações entre conceitos e hipóteses (Quivy, 2008, p. 89).

Assim sendo, a primeira fase de investigação é baseada numa revisão de literatura ou revisão bibliográfica, incluindo artigos, revistas, livros imprimidos ou eletrónicos e sítios da internet.

A segunda fase, relacionada com o estudo de caso, procura reunir dados que contextualizem Timor-Leste e o seu espaço, assim como o turismo neste país, pelo que precisámos de consultar as estatísticas disponíveis (embora muito poucas) e avaliar os resultados da pesquisa acerca dos dados do Ministério do Turismo, Arte e Cultura, alguns dados sobre o número de hotéis e restaurantes.

A terceira fase prendeu-se com o levantamento de informação a partir de entrevistas e inquéritos que seguem em anexo, que permitem preencher as lacunas de informação sobre Timor - Leste. Nesta pesquisa de campo, em formato de amostragem pois apenas se realizou uma entrevista, a uma pessoa representativa do país pesquisado (Mana Fina), realizada na praia de Areia Branca, Díli, capital do país, nos meses de Agosto a setembro de 2015. Já os inquéritos foram realizadas a indivíduos, tanto nacionais como estrangeiros, num total de 55 (cinquenta e cinco) pessoas, sendo 31 (trinta e um) do sexo masculino e 24 (vinte e quatro) do feminino. Todos os inquiridos responderam durante o mês de Março de 2016, ao longo de uma semana. Trata-se da entrevista a uma Gerente de restaurante (à proprietária do restaurante Sol e Mar, Mana Fina, porque o seu restaurante é um dos mais conhecidos na praia da Areia Branca – ver anexo 1). Contou-se ainda com a informação gentilmente cedida pelo Ministério do Turismo de Timor - Leste acerca dos serviços de alojamento e restauração existentes na Praia da areia Branca (anexo 4).

Os inquéritos realizados a nacionais e estrangeiros, seguiu um guião (anexo 1) e procuraram definir o perfil dos visitantes, as suas diferentes perceções, as circunstâncias das visitas e quais as suas atividades. Pretende avaliar as lacunas e as potencialidades existentes, a disposição e a propensão das pessoas locais para desenvolverem atividades de turismo no país. O questionário (ver anexo 3) é composto por 10 (dez) questões fechadas e 3 (três) abertas que poderiam ser justificadas; sendo que entre as fechadas, 3 (três) são questões de múltipla escolha, onde era possível marcar mais de 1 (uma) opção. As tabelas foram feitas sem a análise das justificações das questões abertas pois a grande maioria dos entrevistados optou por não o justifica (anexo 2).

A observação é uma técnica importante de análise para caracterizar o turismo e lazer enquanto espaço litoral, pelo que, neste caso tornei-me uma observadora participante pelo facto de ser natural de Timor, ali viver e frequentar aquela praia.

4. Estrutura de Trabalho

Para facilitar a compreensão e fluidez da leitura deste trabalho, verifique-se que foi estruturada em duas partes, antecipadas por uma introdução e finalizadas por considerações finais.

A Introdução apresenta o tema e a justificação da sua escolha, os objetivos do estudo, a metodologia utilizada e as fontes que serviram à fundamentação desta dissertação, apresentando, ainda, as partes em que se divide.

O primeiro capítulo, ou primeira parte, subdividido em sete pontos, debruça-se sobre conceitos teóricos acerca de lazer, turismo, turismo costeiro, segundo capítulo abrange o conceito de Turismo e Lazer, o espaço costeiro ou litoral, o espaço turístico e de lazer, infraestruturas e equipamentos do turismo costeiro, motivos de turistas no turismo costeiro, desenvolvimento do turismo costeiro, a prática de turismo costeiro e de lazer, e a sustentabilidade do turismo costeiro.

O segundo capítulo, ou segunda parte, reflete sobre a realidade de Timor - Leste, em particular sobre a Praia da Areia Branca, bem perto da capital e que terá uma leitura mais aprofundada a partir dos resultados de entrevistados e de inquéritos, cujos resultados permitem perceber os perfis e as possibilidades futuras de desenvolvimento e acautelamento do turismo costeiro.

As considerações finais procuram referir as limitações do estudo, a possibilidade para futuras pesquisas, seguindo-se as referências bibliográficas e os anexos.

CAPITULO I – Turismo, Lazer e Turismo Costeiro

1.1. O conceito do turismo

O facto de o turismo ser um fenómeno transversal, com uma ampla gama de dimensões, tem produzido inúmeras tentativas de o definir, nem sempre consensuais. O que procuraremos conseguir, neste capítulo, é reunir todo um conjunto de definições que possibilitem um alargamento de perspetivas que nos possam ser úteis na abordagem que faremos na segunda parte desta dissertação.

O turismo é um conceito que tem as suas raízes nas viagens associadas ao “Grand Tour”, de grandes circuitos e percursos, expressão institucionalizada na Inglaterra dos séculos XVIII-XIX, à procura das paisagens mediterrânicas ou do sul da Europa. O objetivo subjacente ao “Grand Tour” era, essencialmente, de natureza educacional, cultural e intelectual, um processo de formação informal para os jovens da elite europeia.

“Tendo pois como berço uma elite extremamente reduzida, o turismo vai crescer intimamente associado ao despontar da civilização industrial ocidental” (Moreira, 1994, p. 17) e surge em contextos específicos, de alterações importantes à época, tais como a generalização do direito a férias, o aumento dos rendimentos, o aumento do tempo de lazer, o desenvolvimento de condições de transporte e acessibilidade e a necessidade de descanso sazonal, evitando a agitação causada pelo movimento agitado da vida de metrópoles urbanas (Silvano, 2006, p.6).

Em 1973, a Sociedade das Nações unidas (SDN)¹ definiu o turismo como “toda a viagem realizada para fora do domicílio habitual por um período superior a 24 horas e inferior a 1 ano, por motivos de lazer” (Santos, 2000, p. 29). Já na década de quarenta, o economista belga Picard acentua o carácter económico do turismo e entende que a função do turismo consiste essencialmente na “importação de divisas pelo país. O seu impacte reside no que as despesas do turismo podem realizar para os diferentes setores da economia” (Joaquim, 1994, p. 16). Esta definição acentua o efeito multiplicador do turismo e nas suas múltiplas dimensões, entre consumo e produção.

Em 1994, Moreira propõe-nos a definição de turismo da seguinte forma: “o turismo agrupa o conjunto de atividades de produção e consumo motivadas pelas deslocações de pelo menos uma noite fora do domicílio habitual, e sendo o motivo de viagem tanto os

¹ Sociedade das Nações Unidas (SDN) antecessora da atual ONU (Organização das Nações Unidas).

negócios, a saúde ou a participação numa reunião profissional desportiva ou religiosa” (Moreira, 1994, p. 18). Por outro lado, pode ser definido “como sendo genericamente a soma de fenómenos respeitantes à mobilidade espacial, ligados a uma mudança voluntária e temporária de local, de ritmo de vida, e de ambiente envolvendo contactos pessoais com o ambiente visitado (natural, cultural ou social) ” (Joaquim, 1994, p. 18).

Por fim, a definição de turismo proposta pela Organização Mundial de Turismo (OMT), diz-nos que o turismo compreende "as atividades de pessoas que viajam para ficar em locais fora do seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo, para negócios e para outros fins" (tradução nossa) (OMT, 1993).

Em resumo, esta breve apresentação da evolução do conceito de turismo, leva - nos a concluir que a relação inicialmente indicada, entre mobilidade e recreação, evoluiu para um crescente peso dos aspetos económicos. Nota - se que o turismo está a tomar um significado cada vez mais importante, como que uma ação clara de "fuga" ao ritmo da vida diária da sociedade industrial.

Uma perspetiva associada à mobilidade geográfica, e aos impactos no território, pode encontrar-se no autor Adyr Balastrieri Rodrigues, que desenvolve a seguinte conceção acerca do turismo:

O turismo, na sua enorme complexidade, reveste-se de um tríplice aspeto com incidências territoriais específicas em cada um deles. Trata - se de um fenómeno que apresenta áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (recetoras). É nessas áreas que se produz o espaço turístico ou se reformula o espaço anteriormente ocupado (Rodrigues, 1997, p. 83).

A complexidade do fenómeno é de realçar. De acordo com Grizio (2011, p. 98), o turismo é uma atividade realizada por uma pessoa ou grupo de pessoas que se movimentam e está associada a um conjunto de serviços relacionados com a transferência, transporte, alojamento, alimentação, distribuição de produtos, e numa dinâmica ligada ao movimento cultural, de visitas, recreação e entretenimento. Configura-se como que uma resposta a uma variedade de necessidades

Ao destacar a natureza complexa do turismo, Rodrigues (2001, p. 22) aponta para o peso do “enfoque geográfico [que] é de fundamental importância, uma vez que, por tradição, lida com a dualidade sociedade e natureza”. Essa dualidade, que indica muito da

amplitude de uma abordagem geográfica, traduz um interesse recíproco da geografia e do turismo, um pelo outro.

Para Castro (2006, p. 13), diante da dimensão espacial da prática turística, observa-se a necessidade da inclusão de uma abordagem geográfica do turismo. Destaca que a atividade turística se desenvolve sob o esteio do território, da paisagem e do lugar, categorias que “imprimem identidade ao conhecimento geográfico, permitindo a interpretação de fenómenos com dimensão espacial” (Castro, 2006, p. 44).

Numa outra perspetiva, a importância da “geografia na formação do profissional em turismo”, decorre do facto de geografia ser uma área que tem o maior interesse para o turismo, pois a atividade turística constitui-se como um facto social e económico que se manifesta, efetivamente, no espaço geográfico (Bonfin, 2007, p. 47). Rodrigues (1997, p. 39), ainda acrescenta ainda que a recreação e a viagem é como que uma necessidade fisiológica para a reposição de energias físicas e mentais (...), tornando a viagem uma obrigação, e nos dias atuais corresponde a um incremento do turismo de massa e que atinge quase todas as camadas sociais da população.

O conceito de turismo não deixa de ser polémico. Segundo De la Torre, a OMT entende o turismo como a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário, motivada por razões alheias a negócios ou profissionais” (*apud* Barreto, 1995, p. 12). Já Andrade entende o turismo como um “complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transporte, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento” (Andrade, 2000, p. 38).

Outras conceções procuram ultrapassar a visão económica do turismo, como a de De La Torre, que entende o turismo com um fenómeno social que consiste no “deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivo de recreação, descanso, culturais ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro” (De La Torre *apud* Barreto, 1995, p. 13). Já Moesch (2000, p. 9) entende o turismo como:

...”Uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços em cuja composição integra-se uma prática social, com base cultural, com herança histórica, um meio ambiente diverso, uma cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica

sociocultural gera um fenómeno recheado de objetividade/ subjetividade... o produto turístico” (tradução nossa).

Todas estas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, também apelidada de "civilização do lazer" (Silvano, 2006, p. 6), conduziram a um alargamento do número de pessoas com acesso aos feriados, que se traduziu num turismo de massa crescente, especialmente nos destinos mais populares (sol e praia), que se concentram no Mediterrâneo.

O Turismo de massa nasceu à luz de todo o conjunto de fatores favoráveis a um crescimento exponencial, definindo-se como “um turismo coletivo e acessível a uma parte significativa da população dos países industrializados. Um turismo reivindicado, institucionalizado, produzido e de consequências significativas a nível social, cultural, espacial, económico, político e ambiental” (Joaquim, 1994, p. 13). Trata - se de um novo ambiente social, no qual o turismo começou a institucionalizar-se como que identificado com um comportamento coletivo.

De acordo com Santos (2000, p.29) o turismo corresponde a uma dimensão tempo, ou seja, “toda a viagem realizada para fora do domicílio habitual por um período superior a 24 horas e inferior a um (1) ano, por motivos de lazer”. Por outro lado, Moreira propõe a definição de turismo da seguinte forma: “o turismo agrupa o conjunto de atividades de produção e de consumo motivadas pelas deslocações de pelo menos uma noite fora do domicílio habitual, e sendo o motivo de viagem tanto agrado, negócios, a saúde ou a participação numa reunião profissional, desportiva ou religiosa” (Moreira, 1994, p. 18).

Hoje em dia, o turismo é visto como uma atividade económica forte, que mobiliza milhões de pessoas, e como uma indústria que produz e comercializa a alta velocidade por todo o mundo (Silvano 2006, p. 10), que vive de dependências complexas e de conexão entre vários setores como a hotelaria, restauração, transportes, agricultura, recreação e cultura. Isso ocorre porque o turismo “é um produto composto, resultado de uma cadeia multisectorial complexa e interativa de atividades em que cada participante contribui com uma pequena parcela do produto final” (Ribeiro, Freitas & Mendes, 2000, pp. 330-331).

Finalmente, a OMT associa turismo a uma movimentação “de pessoas que visitem e permaneçam em locais, fora da sua residência habitual não mais do que um ano consecutivo, por motivos de lazer, negócios ou outros” (1995, p. 14). Esta visão adapta-

se, muito provavelmente, à realidade de Timor - Leste, como veremos, sabendo nós que essas deslocações poderão ativar e valorizar os recursos existentes (património natural e cultural) assim como impulsionar a construção de infraestruturas e serviços para atender às necessidades daquelas pessoas.

1.2. O conceito de lazer

Associado ao conceito de turismo existe a de lazer, de existência de um tempo livre que se procura ocupar numa base de bem - estar. Com efeito, inerente ao ser humano, existe a busca do prazer, como um direito, correspondente a um período de "não trabalho", em que, independente de seus negócios, o homem pode realizar atividades que proporcionam satisfação, diversão e bem - estar. Que poderia vir a materializar - se em formas de turismo como de atividades recreativas.

O lazer, como conceito lido em Dumazedier (1973) pode ser definido como a ocupação que as pessoas podem exercer livremente, após o cumprimento das obrigações decorrentes da vida social, seja familiar, profissional ou política. Ainda segundo o mesmo autor, o lazer tem três funções principais: descanso, entretenimento, lazer e entretenimento e desenvolvimento. Essas funções podem realizar - se em diferentes momentos ou coexistirem na mesma situação e podem surgir como uma escolha pessoal, num ambiente de liberdade e de gratuidade.

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir - se, recrear - se, entreter - se ou, ainda, para aumentar a sua necessidade de informação ou de formação desinteressada, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora após livrar - se ou desembaraçar - se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p. 34).

Na perspectiva de Bramante (1998, p. 11) acrescentam - se mais algumas dimensões, sublinhando o desejo e a experiência pessoal:

“O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/ espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade“.

Os autores Kelly e Freysinger declaram que, “*Leisure is an activity that is done primarily for the experiences itself*” (o lazer é uma atividade que é feita prioritariamente pela experiência em si mesma – tradução própria) (Kelly & Freysinger 2000, p. 3). Contudo, a experiência é um processo complexo consistindo num “*stimulus or environment, attitudes or mental states and behaviors*” (estímulo ou o ambiente, atitudes ou estados mentais e comportamentos – tradução própria) (Kelly & Freysinger, 2000, p. 79).

Por outro lado, Gomes avalia o lazer:

“...como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo”. (Gomes, 2004, p. 125).

Gomes considera quatro elementos inter - relacionados, como base para o cumprimento deste fenómeno social, nomeadamente: tempo, espaço / localização, eventos e ações culturais / atitude. Para este autor, a procura do prazer, como lazer, “por um lado, pode contribuir as contradições sociais, mas, por outro lado, pode representar uma possibilidade de questionamento e a resistência a uma ordem social injusta e exclusiva que prevalece em nosso meio” (Gomes, 2004, p. 125).

A grande contribuição de Dumazedier, acima citado, é a de entender a recreação ou lazer como associada ao "interesse" que, segundo este autor, leva a que o lazer assuma diferentes tipos, a saber: artístico, manual, físico - desportivo, intelectual e social (Dumazedier, 1974, p. 101). Interesses artísticos caracterizam-se por todas as manifestações de arte, como o teatro, o cinema e as artes visuais; o manual, para tudo relacionado à manipulação e transformação; depois as atividades de exercício e desportos físicos, geralmente associados com o corpo; finalmente as atividades relacionadas com a ciência, informação e conhecimento, de ordem intelectual e as atividades destinadas a uma socialização de ligação à ordem social.

Outros autores ressaltam a importância da atividade recreativa como fator potencial de desenvolvimento humano segundo três parâmetros: informação, diversão e criação (Reginato, 1999). A primeira ajuda a transformar os seres humanos, dá - lhes um pensamento livre e abre-os para novos sentidos e experiências. A diversão surpreende - o com uma sensação de bem - estar, adicionando cheiros, sons, poesia e cor como experiências. E, finalmente, a criação de que " (...) é um encontro potencial com as

possibilidades” porque alimenta a informação e a diversão e acrescenta uma nova crença na singularidade do indivíduo, na possibilidade de tudo ser diferente (Reginato, 1999, p. 134).

Existe, entre lazer e o desenvolvimento humano, um potencial, sendo que o primeiro trabalha para promover a experiência enriquecedora e o conhecimento não apenas formal, mas, os sentimentos e as emoções da vida.

“O tempo de lazer, enquanto um tempo de fruição, torna - se também um tempo de aprendizagem, aquisição e integração, diverso dos sentimentos, conhecimentos, modelos e valores da cultura, no conjunto das atividades nas quais o indivíduo está enquadrado. O lazer poderá vir a ser uma ruptura, num duplo sentido: a cessação de atividades impostas pelas obrigações profissionais, familiares e sociais, e ao mesmo tempo, o reexame das rotinas, estereótipos e ideias já prontas que concorrem para a repetição e especialização das obrigações cotidianas” (Dumazedier, 1974, p. 265).

Contudo, esta relação entre lazer, educação começa a ser vista principalmente como uma mercadoria simples, pronta para o consumo, esquecendo sua característica significativa de desenvolvimento de indivíduos críticos e criativos. É um risco que envolve o turismo, se este esquecer a sua dimensão de promoção de uma cultura recreativa, de socialização e de contactos com uma variedade de conteúdos culturais e com o meio ambiente, promovendo atividades que quebrem a rotina diária e que pode contribuir para o desenvolvimento de novas criaturas e seres humanos.

Dadas estas características, lazer e turismo estão intimamente ligados, pela capacidade de contribuírem para um repensar sobre estes fenómenos sociais, hoje.

1.3. O espaço turístico e de lazer

O Turismo, apesar da sua enorme complexidade, resume - se a dois aspetos, interligados. Prevê áreas, emissoras, donde saem pessoas, e áreas que respondem com as suas atrações, recetoras. Este princípio, básico, funciona sistematicamente, de forma mais espetacular quando nos referimos a viagens espaciais, turismo espacial, sendo o espaço um produto a consumir, uma atração.

Espaço e lazer são componentes essenciais que se apresentam de várias formas. A expansão da área de lazer pode corresponder a um aumento do número de atividades de

recreação, assim como da sua diversificação e especialização, aumentando a carga sobre a área/espço, mesmo quando expostos a variações na frequência dos visitantes (Martins, 2004, p. 36).

Um exemplo concreto pode ser o das cidades, já por si aglomerados populacionais, que exigirão uma consciência da sua procura por múltiplas razões. Exigem o implementar de uma política de investimento muito clara, na qualificação do espaço da cidade, na sua multifuncionalidade e beleza, na retoma da ideia de uma cidade que conecte usos, funções e pessoas diferentes, e em segurança. Esse modelo não só é urgente para quem defende uma posição mais democrática de utilização do espaço público, da vida pública, mas também porque é mais sustentável (Rolnik, 2000, p. 184).

Martins (2004, p. 39) caracteriza cinco tipos básicos do espaço de lazer turístico. Eles são: espaço litoral balnear, espaço rural, espaço de montanha, espaço urbano, e espaço termal. O espaço corresponde a uma forma de organização, com diferentes fases de evolução, com especificidades próprias, mostrando elementos típicos, que apresentam uma capacidade de motivação interessante a visitar. A diferenciação é importante, tanto na escala regional como no local, dependendo principalmente da integração de maior ou menor do lazer e do turismo.

A classificação dos espaços de lazer e turismo também pode ser desenvolvida quando se aplicam critérios de distância, concentração da população e relação entre distância e tempo disponível (Martins, 2004, p. 40).

As variáveis também podem depender da relação entre grupos e uma pessoa com o destino. No primeiro caso, a praia, as áreas urbanas e algumas zonas montanhosas, suportam um grande número de visitantes, enquanto no segundo caso a viagem é caracterizada por um sentido de privacidade e intimidade, procurando áreas em fase de exploração start - up ou de ocupação difusa, espaços rurais ou de montanha, zonas sujeitas a uma menor pressão.

Um possível canal entre lazer e turismo é o setor da recreação, conectar - se com outras áreas socioculturais. Manutenção e animação de lazer poderiam tornar - se ferramentas indispensáveis para a alteração da marcação do espaço urbano. Nas grandes cidades, as pessoas estão à procura de espaços abertos (ex. praças, parques, etc.), assim como de se relacionar com o meio ambiente. “Eis porque alguns grandes parques, espalhados pela cidade, tornam - se pólos centralizados de verdadeiras multidões” (Santino, 1993, p. 44).

A existência de parques por toda a cidade é muito importante para o relaxar da população, embora haja frequente falta de espaço para a construção desses lugares.

A falta de espaço contribui para o aprisionamento de pessoas, que não têm instalações de lazer em locais públicos, acabam por gastar o seu tempo disponível em ambiente doméstico. Mas este processo não é apenas o resultado da falta de lugares para relaxar. A violência da cidade também pode contribuir para isso “Assim, a vida privada é marcada cada vez mais pelo medo e pelo enclausuramento. Vivemos uma realidade travestida pelo virtual e pelo simulacro. Desaparece a rua como locus da sociabilidade. Da mesma forma como desaparecem a família e a rua, as relações de vizinhança e de compadrio, tende a desaparecer também o mundo vivido” (Rodrigues, 2002. p.154).

Entre os espaços destinados a atrair muitos contingentes de visitantes - espaço de turismo de massa – estão as praias, montanhas e áreas urbanas. Mas também arrastam consigo indicadores que lhes são inerentes, como sejam, o colapso das infraestruturas de transporte, o difícil abastecimento de água e de tratamento ou eliminação de resíduos domésticos, as dificuldades de abastecimento de alimentos, a reduzida área de espaços públicos e equipamentos sociais residuais, como são os que estão relacionados com a saúde (Martins, 2004, p. 44).

Repare - se os grandes espaços de turismo mundial são o litoral na época de veraneio, a montanha na época de invernal e a cidade, tendo como motivos turísticos correspondentes a praia, a neve e a cultura ou/e as compras, respetivamente (Martins, 2004, p. 46).

A praia oferece alguns atracões, como sejam, tomar banho e recreação que conduzem a uma certa linearidade das atividades humanas e a implementação numa faixa costeira com elevado potencial. Existe uma tendência para o aumento da pressão sobre as zonas costeiras como local de lazer, o que leva a uma sobrecarga que acentua as fraquezas, particularmente relacionados com as características geomorfológicas do solo, com uma rede de infraestruturas básicas de subescala, que não consegue responder ao pico de uso ou a um perfil funcional desequilibrado.

Esta é a área onde o conflito de uso da terra (da costa, do litoral) tem mais possibilidades de sentir, especialmente quando está afetada a outros consumos, tais como a construção de infraestruturas portuárias e as indústrias (Martins, 2004, p. 47).

Geralmente, independentemente da eficiência maior ou menor que o mecanismo de proteção e regulação das zonas costeiras exerça, não consegue evitar a pressão da procura

por populações com maior estatuto socioeconómico. A dificuldade em determinar a espaço turístico é basicamente em medir o peso ou a força que esta atividade tem, em avaliar o espaço gerado pelo turismo e para o turismo.

Se o lazer é considerado pela sociedade capitalista como um momento de consumo, o espaço é visto como objeto de consumo. “A constituição dos núcleos é primordialmente assente em interesses económicos. Foram e são concebidos como locais de produção ou de consumo” (Marcellino, 2002, p. 25). Assim, também os equipamentos de lazer, espaço de vida, seguindo a tendência para a privatização, incluindo em torno das áreas verdes, tal como a própria recreação, passam a ser mercadorias.

De acordo com Martins (2004, p. 37), em termos gerais, a referenciação espacial do processo de evolução do lazer, entre outras, é caracterizável segundo três dimensões: a mutabilidade, a poli - funcionalidade e a utilidade individual.

No processo de mutabilidade dos espaços de lazer destaca-se, em primeiro lugar, a formalização de certas estruturas orientadas pela experiência do uso da terra, intimamente relacionada com a crescente importância da recreação, relacionáveis com o aumento da população, aumentando a capacidade económica, o que significa uma melhor dotação de uma rede de infraestruturas, assim como o aproveitamento do potencial da natureza, usando outras formas de energias, da procura de áreas periféricas para garantir outros aspetos da qualidade de vida.

A poli - funcionalidade de lazer significa a presença de diferentes estruturas e leituras individuais, dependendo das diferentes formas de entender o espaço que funcionam como atividades de apoio ao lazer, entre os diferentes usos da terra e as diferentes conceções individuais de espaço, o que pode adquirir uma expressão maior na cidade.

Finalmente, utilidade individual resulta de componentes psicológicos e sociais fundamentais que permitem que dão num certo sentido privado. É a ideia de utilidade, sujeita a avaliação individual, que pode, por exemplo, garantir o movimento de casa/trabalho conectada com casa/lazer, num ambiente de agradável qualidade e relaxamento.

O espaço turístico, para cada região geográfica, não pode ser definido por um limite de fronteira administrativo e prescrito. Ele é sempre, de alguma forma, abstrato. Veja - se o caso da paisagem litoral, uma imagem construída e vendável, que no caso específico das bordas costeiras associa o lazer na fórmula 3 S: “Sea” (mar), “Sand” (areia) e “Sun” (sol)

o que salva o promotor do imaginário coletivo frente a uma vontade de muitos conhecerem e sentirem, dentro das suas expectativas de recreação, a fantasia, a aventura e o exótico.

1.4. O turismo costeiro

Ao longo do século XX, o turismo experimentou um grande desenvolvimento e crescimento, especialmente a partir da segunda metade. Tornou - se um fenómeno social, um fator de desenvolvimento económico, por promover a formação de "produtos e valor acrescentado" (Cavaco, 1995, p. 359).

A procura turística dirigir – se - a no sentido de áreas que ofereçam uma variedade de instalações e de infraestrutura, associadas à oferta de um conjunto de interesses em termos culturais e de bem - estar e lazer. As consequências desta tendência poderão conduzir a afluxos e à concentração em um lugar de turistas provenientes de diferentes países, os desse país e ainda os aí residentes.

Se houver uma uniformização de destinos e grande concentração, própria de uma sociedade altamente consumista, as consequências podem ser negativas, pela pressão exercida sobre os recursos, mas, por outro lado, obriga à procura de respostas. Por parte dos turistas precisam de procurar destinos alternativos, como sejam, " áreas naturais (parques e reservas) e sítios protegidos, as cidades e aldeias em áreas remotas e isoladas, (...) e também para a zona rural, com vistas, campos e pecuária, as cidades e as suas aldeias, a sua cultura e tradições (...) " (Cavaco, 1995, p.360).

Normalmente, os turistas estão dispostos a substituir um sítio inicial por um alternativo, se este último fornecer resultados de satisfação por outros aceitavelmente equivalentes, quando o local original se torna indisponível, ou quando não estão satisfeitos com a sua experiência (Han e Oh 2015, p.370). De um ponto de vista da economia regional, a substituição de local de interesse é importante por trazer consideráveis benefícios económicos não expectáveis para o desenvolvimento do turismo em áreas locais.

O turismo em espaço costeiro é uma das procuras, podendo oferecer um conjunto diversificado de atividades, que contrasta com um conceito diferente de turismo rural, embora possa-lhe estar associado.

O turismo costeiro surge como um composto de valores: ecológico, sociocultural, económicos. É de grande interesse para pessoas, processos e indústrias, embora possa comportar riscos para os sistemas ecológicos e socioculturais do lugar (Wesley & Pforr

2010, p 773). As consequências negativas de uma crescente mercantilização dos recursos das áreas costeiras serão insuportáveis se não houver um planeamento e gestão dessas áreas. Por isso, uma abordagem sustentável exige o planeamento turístico dos destinos costeiros, podendo - se considerar como um pré-requisito crucial. Como Mason declara (2003, p. 8) “a resposta à degradação social e ambiental justifica o planeamento do turismo hoje (tradução própria) ”.

Wesley e Pforr (2010, p. 774) sugerem que o planeamento do turismo e o seu desenvolvimento devem ser considerados como um processo político por causa da presença e interação de várias partes interessadas, e portanto, de várias relações de poder envolvidas.

O setor do turismo é globalmente reconhecido como um motor importante para progresso económico e desenvolvimento social. Enquanto os benefícios potenciais estão bem documentados, os danos ambientais são menos abordados, mas podem - se anotar, desde já, a discórdia social, a privação do local e outros problemas (Onga & Smith 2014, p. 256). Os benefícios e os danos relativos ao turismo costeiro, em particular em países menos desenvolvidos, como Timor - Leste, são ainda menos abordados, em particular quando se procura um desenvolvimento de forma sustentável dos seus recursos.

O Turismo costeiro tem sido uma das atividades turísticas mais desenvolvidas durante as últimas décadas (Han e Oh 2015, p.371) e apresenta - se como altamente atraente e mobilizador. Contudo, as áreas costeiras estão expostas e são sensíveis a impactos ambientais como a mudança do clima (por exemplo, da subida do nível do mar e a erosão das praias), que afetam a sustentabilidade ecológica e fluxos turísticos. As atividades costeiras dos turistas são restringidas pelos fatores externamente impostos, tais como o fechamento de praias devido à poluição da água e a presença de prejudiciais espécies marinhas, como tubarões e baleias. Não obstante, sublinhe - se, para responder a este cenário, os turistas selecionam um local alternativo, no qual possam desfrutar as mesmas atividades (Han & Oh 2015, p. 371). Por isso, esta tendência apresenta - se como um dos aspetos estruturais que explica a procura cíclica das bordas costeiras e dos múltiplos usos que podem ter para fins de lazer, contornando as possíveis contrariedades e encontrando interesses de substituição.

1.5. Os motivos de atração turística

A motivação foca - se ao nível do comportamento do turista e ocorre quando os indivíduos querem ou precisam de atingir a certos requisitos.

Assim, a motivação pode ser definida como uma espécie de força de ativação que direciona o comportamento em direção à satisfação das necessidades.

Crompton (1979, p. 408-425), num estudo que visa identificar as razões que afetam o indivíduo na escolha de destinos e no desejo de férias, identifica várias razões. Existem seis razões que podem ser classificadas como de natureza sociopsicológico, como sejam:

- a) Fuga ao ambiente mundano.
- b) Exploração e avaliação de Auto relaxamento.
- c) Prestígio.
- d) Regressão
- e) Aumento de relações entre o agregado familiar.
- f) Facilitar e desenvolver a interação social.

Entre estas seis razões, pode-se dizer que um deles pode não ser muito clara ou bem compreendida como era, ou seja, dando as razões dessas diferenças para passar as férias no caso de essa regressão. De acordo com Crompton (1979) a razão regressão foi sugerida por alguns dos entrevistados que pensam que as férias oferecem a oportunidade de fazer certas coisas que podem ser impensáveis na vida cotidiana e no seu estilo de vida. Coisas que os inquiridos fariam em fase infantil, irracional, como que uma reminiscência do comportamento de adolescentes feita por adultos maduros. Outras razões podem ser classificadas na categoria mais ampla de "cultural", de inovação e educação, relacionadas com fatores psicológicos. Variável que pode ser interpretada como necessidades dos indivíduos, que querem escapar de sua realidade diária, e que pode determinar a sua decisão de viajarem para escaparem às pressões da sua rotina. A variável cultural pode ser interpretada como uma necessidade pessoal, sabendo que é um investimento incomparável, proporcionando o crescimento pessoal, conhecimento, informação, capital essencial na sociedade contemporânea, exigente.

O processo de motivação pode começar no ambiente de trabalho, e pode ser desencadeada por pressão social institucional, por determinantes psicológicos profundos. Ryan (1996, pp. 25-29), afirma que:

Pode - se dizer que as férias vão atender a uma série de necessidades psicológicas profundas. De acordo com alguns especialistas, por várias razões, tais como Cohen e Taylor (1976), Crompton (1979), Mathieson e Wall (1982), identificaram as seguintes razões: motivação de escape; relaxamento; desfrutar de ele/ ela; fortalecer os laços familiares; prestígio; interação social; oportunidade sexual; oportunidades educacionais; realização pessoal; desejo, realização, e compras.

Mathieson e Wall (1996, pp. 30 - 31) classificam a motivação para o turismo baseados num conjunto de reflexões de investigadores que tentaram classificar a motivação turística, tais como Thomas (1964); Gray (1970); McIntosh (1977). No entanto, há pouca concordância em relação à importância relativa de cada componente da motivação turística, sendo que as motivações de viagens podem ser diferentes para diferentes pessoas, mas têm a ver, genericamente, com o bem - estar físico, motivação cultural, motivação pessoal e prestígio.

Dann (1981, pp. 187 - 219) considera diferentes fatores mas intimamente dependentes uns dos outros. Conclui que os investigadores têm discutido a motivação de diferentes maneiras e que eles fazem - no de duas formas, primeiro observando o perfil dos turistas, o seu “habitat” as pressões que os afetam e depois fora desse ambiente, após a viagem, como reagem, as diferenças em termos de respostas às necessidades (p. 189).

Dann identifica sete características de motivação turística:

- 1) A viagem em resposta ao que está faltando e é desejável;
- 2) Fatores que atraem (*pull factors*) em resposta aos fatores motivacionais que empurram (*push factors*) para fora do habitat;
- 3) Motivação associada ao desejo de fantasia.
- 4) A motivação associada a um destino, objetivo ou propósito.
- 5) Tipologia de motivação.
- 6) A experiência de motivação de viagem.
- 7) A motivação como o desejo de autodefinição e significado.

No contexto da motivação do turismo, a literatura mostra que existem dois componentes importantes que trabalham para a sua geração, que são fatores que empurrar e puxar fatores (*push and pull factors*). Destes fatores têm sido discutidos na literatura por vários autores, como Dann (1977, p. 186; 1981, pp. 190-191), Crompton (1979, p. 410), Mathieson e Wall (1996, p. 30), e Goodall (1991, p. 58). Dentro desta literatura, os fatores

que empurram (*push factors*) explicam o desejo de ir de férias, enquanto os fatores que atraem (*pull factors*) têm sido vistos como explicadores da escolha do destino. Entre os fatores que impulsionam encontra-se o desejo de fugir da rotina de diária, o trabalho, a concentração urbana, a poluição, etc.. Por outro lado, o fator de interesse pode ser identificado como a curiosidade sobre países estrangeiros ou áreas menos conhecidas, exóticas, e visitas a parentes e amigos no país ou em outro lugar.

Dann (1977, p. 186) afirma que fatores interessantes são os que atraem os turistas para um destino específico (por exemplo: sol, mar, praias, entre outros) e seu valor reside no destino da viagem. Por outro lado, refere-se aos fatores que incentivam e influenciam as pessoas a viajarem como, por exemplo, escaparem ao trabalho para relaxarem, por nostalgia de regresso a lugares, entre outros).

Mathieson e Wall (1996, p. 30) classificam a motivação turística, como se segue:

Quadro 1 - Categorias motivacionais

Categoria motivacional	Motivações
Motivações físicas	Relaxamento do corpo e da mente; saúde; desportos; prazer (divertimento, excitação, romance, entretenimento, fazer compras)
Motivações culturais	Curiosidade sobre países estrangeiros, lugares e pessoas; interesses em artes; música, arquitetura, folclore; interesse em locais históricos (ruínas, monumentos, igrejas); eventos nacionais ou internacionais, como a copa de futebol mundial, jogos olímpicos de verão e de inverno, diferentes campeonatos mundiais, carnaval, “oktoberfests”, entre outros;
Motivações pessoais	Visitas a parentes e amigos; ver pessoas novas e fazer novos relacionamentos; busca de novas e diferentes experiências em diferentes ambientes; escape do permanente meio social e ambiente (desejo de mudança); excitação pessoal por viajar; visita de lugares e pessoas por razões espirituais (peregrinações)
Motivações de prestígio e status	Atividades de hobbies; educação e aprendizagem continuada; procura por contacto de negócio e objetivos profissionais; conferência e encontros; elevação de ego e da sensualidade; moda.

Fonte: adaptado de Mathieson, A.; Wall, G; 1996, p. 30.

Isso - Ahola (1982, pp. 256-262), com base no trabalho já citado de Dann (1981), desenvolveu um estudo intitulado "Rumo à Teoria Social Psicológica de motivação." Na sua abordagem o prazer faz parte integrante da motivação turística, no quadro conceptual

de recreação, através do prisma dos psicólogos e dos psicólogos sociais. Isso - Ahola argumenta:

As pessoas esperam satisfação derivada do desenvolvimento de atividades de lazer relacionadas com dois poderes de motivação: aproximação (de busca, pesquisa/procura) e de evitar (escape). Por outras palavras, as pessoas vêem uma atividade recreativa ou de lazer como um produtor em potencial de satisfação, por duas razões principais: oferece recompensas intrínsecas, tais como uma sensação de vitória, de capacidade, e ajuda as pessoas a deixarem o seu ambiente de rotina (tradução própria).

Este quadro teórico propõe que existe uma crença de que há uma satisfação que possa fornecer aos indivíduos energia suficiente para selecionar o destino e o propósito de viajar, que levam à crença de que a satisfação é potencial. Tendo estabelecido esta base, o potencial de desenvolvimento e satisfação são duas forças motivacionais, tornam-se importantes determinantes do comportamento dos turistas, afetam os indivíduos. Isso - Ahola diz que a essas forças são:

- a) O desejo de sair do ambiente do dia-a-dia;
- b) O desejo de recompensas psicológicas por intermédio da viagem para desfrutar de um ambiente que é novo ou velho.

Isso - Ahola explica que se as pessoas escolhem ou aceitam a primeira ou a segunda ou ambas como principal razão ou finalidade para a viagem, isso determina a seleção de um plano e comportamentos específicos para atingir as metas ou objetivos. Ao decidir os indivíduos lidam com dimensões e/ ou interpessoais e pessoais. O escapar ao mundo pessoal, ou seja, a problemas pessoais, fadiga ou desgastes, dificuldades e fracassos, e / ou o seu mundo interpessoal, tais como os colegas de trabalho, familiares, parentes, amigos e vizinhos. A partir daí, os indivíduos podem buscar recompensas, pessoalmente, aprender sobre outras culturas, descansarem e relaxarem, descansarem e se sentirem renovados, a satisfação do ego e prestígio, e / ou recompensas interpessoais, tais o aumento da interação social, da interação tanto com os nativos ou membros de grupos de turismo, interagindo com velhos amigos em novos locais ou com novos amigos em um local conhecido.

Acrescente - se a ideia de prazer às motivações dos viajantes que procuram relaxamento, satisfação do ego, realização pessoal. Na verdade, veja - se o que Lundberg (1971, p. 75) define, ao considera o prazer como um estado de mental:

O prazer depende, em parte, condições pré - existentes ou a antecipação de coisas boas que vão acontecer. Na verdade, o prazer é relativo. Isto pode corresponder

ao alívio da dor, uma pausa de tédio, a fugir da rotina da vida cotidiana. Provavelmente encontra - se num sentimento de satisfação sensual, como uma banheira de água quente, esticar ao sol, comer, beber, se divertindo, sexo e imaginação. Este divertimento é geralmente considerado como atraente e associado ao prazer” tradução própria).

Mathieson e Wall (1996, pp. 29 - 33) discutem o comportamento característico dos turistas frente às motivações:

Motivações, atitudes, necessidades e valores da avaliação de viajante são muito importantes e contribuem para o processo de tomada de decisão. A motivação para viagens está relacionada com as expectativas, necessidades e desejos. Estes, por sua vez, refletem a personalidade dos viajantes e o seu perfil socioeconómico. As necessidades individuais são uma condição interna a ausência de alguma coisa, que leva a procurar um maior bem - estar. A necessidade pode ser emocional, espiritual e física. As necessidades de um indivíduo, a procura de novas experiências, de aventura e de apreciação estética podem ser satisfeitas com as viagens e o turismo; depois de voltar de uma viagem, os viajantes lembram - se de avaliar a sua experiência global. Esta experiência fornece a base para as decisões de viagem (tradução própria).

Por outro lado, outros atores também discutem a classificação conceptual de por que o turismo não é uma ciência, precisamente por que está associado à indefinição das motivações. Boullón (2002, p. 25) diz:

Nós não sabemos, porque ninguém pode determinar, com um estudo confiável e generalizável, qual é a motivação que leva uma pessoa a visitar um determinado lugar e qual o nível de satisfação acerca do que ele percebeu e gostou das visitas. Então nós continuamos a construir novos modelos obsoletos de cópias de viagens, por causa da nossa ignorância sobre o nível de satisfação experimentado pelo usuário (tradução própria).

Esta afirmação de Boullón pode ser visto como uma demonstração da falta de conhecimento e domínio dos princípios de planeamento de viagens, princípios de gestão e, especialmente, a teoria de pesquisa de marketing e comercialização.

A motivação pode operar a um nível psicológico intrínseco geral, quando se pode induzir as pessoas a viajar. As motivações afetam pessoas, algumas podem ser comuns a um tipo particular de viagem, enquanto outras podem ser muito significativas para um indivíduo em particular. Quando os turistas decidem visitar um determinado destino, por um fim imaginário, as suas atividades têm de ser minimamente previstas. As expectativas podem estar associadas a imagens ou impressões formadas por outros turistas. Satisfeito ou não satisfeito, este grau de avaliação pode ser gerado entre as imagens esperadas e a realidade.

Mill e Morrison (1985) tentaram estabelecer uma relação direta entre as necessidades e as motivações dos turistas. Sintetizaram os motivos a partir da teoria de Maslow, a fim de estabelecer uma ligação. Veja - se o quadro seguinte:

Quadro 2 – Relação entre motivação turística e necessidades com base na teoria de Maslow.

<i>Need</i>	<i>Motive</i>	<i>Tourism literature references</i>
<i>Physiological</i>	<i>Relaxation</i>	<i>Escape Relaxation Relief of tension Sun lust Physical Mental relaxation of tension</i>
<i>Safety</i>	<i>Security</i>	<i>Health Recreation Keep oneself active and healthy For the future</i>
<i>Belonging</i>	<i>Love</i>	<i>Family togetherness Enhancement of kinship Relationships Companionships Facilitation of social interaction Maintenance of person ties Interpersonal relations Roots Ethnic Show one's affection for family Members Maintain social contacts</i>
<i>Esteem</i>	<i>Achievement status</i>	<i>Convince oneself of one's achievements Show one's importance to others Prestige Social recognition Ego-enhancement Professional/ business Status and prestige</i>
<i>Self actualization</i>	<i>Be true to one's own nature</i>	<i>Exploration and evaluation of Self-discovery Satisfaction of inner desires</i>
<i>To know and understand</i>	<i>Knowledge</i>	<i>Cultural Education Wanderlust Interest in foreign areas</i>
<i>Aesthetics</i>	<i>Appreciation of beauty</i>	<i>Environmental scenery</i>

Fonte: Mill e Morrison, 1985, p. 7

Por sua vez, Plog (2001, p. 16) analisa a personalidade de viagem de acordo com suas necessidades específicas, por defender que a personalidade deve ser considerado como um aspeto importante para entender as motivações dos turistas, e mostra três viajantes diferentes: *psicocêntricos*, *mid - centric* e *alocêntricos*. De acordo com o meu entendimento:

1. Alocêntricos

Exploradores turísticos, de aventura, de saída e confiantes, à procura de novos lugares. Para eles, o turismo é uma forma de expressar e satisfazer a sua curiosidade.

2. Psicocêntricos

As pessoas estão ansiosas, inibidas, recusam - se a aventuras, preocupadas com pequenos problemas da vida. Basta viajar para os lugares que conhece, usando o "pacote". Eles foram levados ao destino por imitação. Eles esperam que o centro turístico não seja a mesma coisa que o seu lugar de origem. Viajam apenas em grupos;

3. Midcêntricos

Trata - se de grupos considerados do chamado turismo de massa, viajam em grupos mais numerosos e não esperam mais do que está programado.

1.6. As atividades ou práticas de turismo costeiro e de lazer – infraestruturas e condicionantes

O sector do turismo comporta uma cadeia de atividades económicas, que podemos definir como um conjunto de fornecedores e de fabricantes. Várias atividades são habitualmente destinados a turistas, como a venda de passagens aéreas (viagens) e alojamento (hotéis, casas, resorts, etc.), mas envolvem muito mais serviços do que apenas estes elementos.

A propagação da atividade do turismo só acontece, na realidade, graças ao desenvolvimento tecnológico do século XIX (máquina a vapor, trem com vagão - leito, etc.) e do século XX (o desenvolvimento do setor dos transportes e comunicações) que se projetaram, ao longo do tempo, em indústrias e setores bem definidos.

Na verdade, o turismo é “conjunto de resultados de carácter económico, financeiro, político, social e cultural, produzidos numa localidade, decorrentes da presença temporária de pessoas que se deslocam do seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativo” (Oliveira, (2001, p. 36). Por outro lado, o mesmo autor associa o turismo a "uma ciência, arte e atividades para atrair os turistas, transporte e acomodar para os visitantes, a fim de satisfazer as suas necessidades e os seus desejos" (Oliveira, 2001, p. 39).

Esta definição coloca, em primeiro lugar, a questão das infraestruturas e dos equipamentos. No que diz respeito à ocupação da faixa costeira, este é um processo mais

ou menos longo, com características tendencialmente urbanas, de elevada densidade de construção, superlotação e congestionamento das infraestruturas de rede de abastecimento e equipamentos, uma desordem urbana resultante, em grande medida, de atrair visitantes, tanto nacionais como estrangeiros. (Martins, 2004, p. 47)

Como Gurran et al. (2006, p. 46) escreveu, uma infraestrutura adequada é importante para preservar o estilo de vida e atrair os visitantes locais e visitantes futuros, para apoiar o investimento e o crescimento económico e também para prevenir impactos ambientais.

As Instituições locais, com menos especialização na gestão de programas e orçamentos inadequados, são pontos fracos para enfrentarem os desafios dessa forma de desenvolvimento descontrolado, que tem consequências insustentáveis (Ong & Smith 2014, p. 256).

As agências internacionais como Environment Program (UNEP), United Nations World Tourism Organization (UNWTO), WorldWildlife Fund (WWF), e Partnerships in Environmental Management for the Seas of East Asia (PEMSEA) e têm o seu plano de desenvolvimento estratégico do turismo costeiro, para minimizar ou evitar resultados negativos do desenvolvimento de turismo costeiro, e proteger o ambiente, a natureza e a comunidade local (Ong & Smith 2014, p. 257).

Mesmo que os planos de ação estejam a aumentar, muitas vezes são vagos e existe uma distância entre a tomada de decisões no desenvolvimento do turismo e a sua prática ou implementação Cooper e Vargas (2004, p. 13). Argumentam que a questão da implementação é muito mais do que políticas de execução. Afirmam que "implementação é a arte do viável", com sete dimensões, que incluem: (1) viabilidade técnica, que inclui o conhecimento e a perícia técnica; (2) viabilidade jurídica, entre poder e autoridade; (3) viabilidade fiscal, tendo os recursos financeiros ou meios de implantação; (4) viabilidade administrativa, ou seja, a gestão de competências e a capacidade para coordenar e reunir apoios; (5) viabilidade política, tendo a vontade e o apoio políticos; (6) viabilidade ética, tendo a ética como conduta; e (7) viabilidade cultural, a cultura como valores e prioridades de uma organização. A falta de viabilidade em qualquer uma das sete dimensões é uma barreira à implementação de políticas sustentáveis em geral, mas neste caso, dirigidas para a Ásia e o Pacífico (Cooper & Vargas, 2004).

Dodds e Butler (2010, p. 37) argumentam que é realista considerar a implementação de "múltiplas perspetivas", ter o cuidado de desenvolver "contacto e consciência" entre as

partes interessadas para a implementação de políticas eficientes (Dodds & Butler, 2010, p. 37).

Para autores como Chand e Vivek (2012, p. 160), a "atividade de turismo só pode ser sustentável se for implementada com uma compreensão comum e uma abordagem consensual para o desenvolvimento" entre os diferentes intervenientes. Kruja e Hasaj (2010, p. 2) argumentam que o apoio das partes interessadas é "a chave para o sucesso e implementação do desenvolvimento sustentável do turismo numa comunidade".

Krutwaysho e Bramwell (2010, p. 671) acrescentam que a "aplicação prática das políticas [não apenas] envolve relações entre as intenções do governo para as políticas e as tensões e negociações entre os atores em torno dessas políticas", mas o processo também "deve refletir os papéis gerais adotadas pelo Estado". Eles consideram os processos de implementação em termos do "contexto social", influenciados por grupos sociais, regras e práticas sociais" e as continuidades e mudanças no seio da sociedade" (Krutwaysho & Bramwell, 2010, p. 671).

Na verdade, o turismo não pode ser limitado aos resultados de natureza económica, financeira, política, social e cultural. Pires (2002, p. 162) considera a paisagem como um elemento importante para o turismo "Se a razão de ser do turismo (...) é o deslocamento ou movimento voluntário das pessoas de um lugar para outro no espaço, então o turismo pode ser concebido como uma experiência geográfica na qual a paisagem se constitui como elemento essencial".

Indústria turística é uma expressão conhecida, como sabemos. Mas a sua definição pode ser redutora. O turismo não é um produto final, não se reduz a um conjunto de restaurantes, agências de viagens, rede de hospedagens, mas todo o aproveitamento do potencial de qualquer espaço.

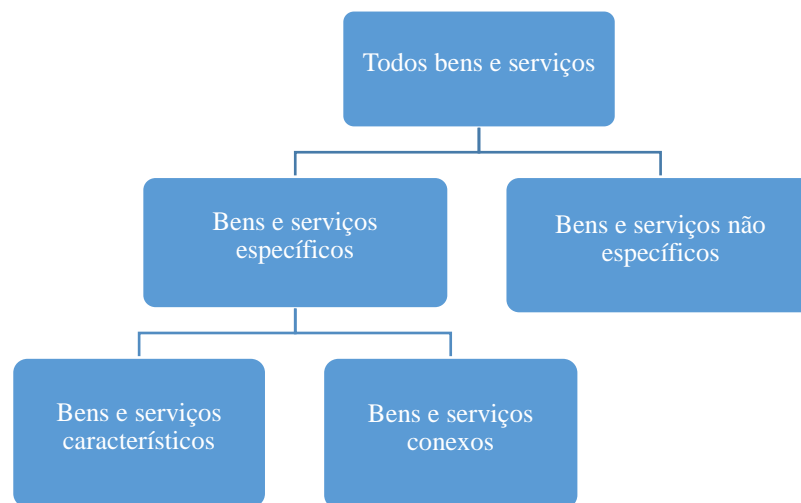
O Turismo cria um vínculo com a maioria das atividades humanas cotidianas mais próximas e também com os vários setores da economia dentro de um país, que exercem influência sobre uma pessoa no momento de escolher a viagem. Como se viu atrás, antes e durante a viagem, um conjunto de necessidades físicas, psicológicas, profissionais, sociais e culturais devem ser cumpridas e as ofertas procuram satisfazer muitas dessas necessidades.

Cunha alude às atividades turísticas classificando - as em dois grupos, como sejam, as "atividades de turismo características e não características ou associadas". No primeiro

caso inclui atividades que apenas se destinam a satisfazer as necessidades dos turistas ou influenciadas por turistas, dada a sua importância (transportes, agências de viagens, alojamento, alimentação e bebidas, serviços de entretenimento). Por outro lado, as não características ou relacionadas destinam - se principalmente aos residentes, mas também podem ser consumidas por turistas, como supermercados, lojas e teatro (Cunha, 2006, p. 313).

A Organização Mundial de Turismo considera que os produtos relacionados com o turismo são frequentemente utilizados por moradores, mas também consumidos pelos visitantes”. (OMT, 1999, pp. 10-40).

Figura 1- classificação de produtos turísticos



Fonte: Organização Mundial de Turismo (OMT) (1999), Guide for Local Authorities on Developing Sustainable Tourism.

Nesta abordagem, verifica-se que as características de produto turístico devem atender aos seguintes requisitos: representar uma boa parte do consumo dos turistas (por exemplo, o transporte aéreo); a oferta deve ser dirigida à maioria dos viajantes (ex: hotel) e o produto deve servir para responder à procura de turistas.

Nem sempre é possível distinguir as atividades relacionadas com o turismo, porque nem sempre é uma característica especificamente produzida para os turistas e, por outro lado, estão de acordo com as realidades de cada país.

O modo como se relacionam as atividades características e não características do turismo, está sintetizado pela Organização Mundial de Turismo (OMT), distinguindo produtos específicos e não específicos, como podemos ver na tabela abaixo.

Quadro 3 – Produtos do Turismo

➤	Produtos específicos
	Produtos característicos
a)	Alojamento
○	Hotéis e similares
○	Residências secundárias por conta própria ou gratuitas
b)	Restauração e Bebidas
c)	Transportes de passageiros
○	Transportes ferroviário interurbano: transporte rodoviário; transporte marítimo; transporte aéreo;
○	Serviços auxiliares de transportes; aluguer de equipamentos de transporte; serviços de manutenção e reparação
d)	Agências de viagens, operadores e guias turísticos
○	Agências de viagens; operadores turísticos; informação turística e guia
e)	Serviços culturais
○	Artes (espetáculos); Museus e outros serviços culturais
f)	Recreação e lazer
○	Serviços desportivos e recreativos
○	Outros serviços de recreação e lazer
g)	Outros serviços de turismo
○	Serviços financeiros
○	Serviços de aluguer de bens
○	Outros serviços de turismo
	Produtos conexos (serviços de transporte, circuitos em aeronaves, exploração de autoestradas, manutenção física e sauna, venda a retalho, serviços de tradução e interpretação, entre outros).
➤	Produto não específico

Fonte: OMT (1999), conta satélite do turismo, in Cunha (2006).

Neste contexto, a variedade de serviços é muito lata e alarga-se a múltiplos locais e envolvimento: a praia, águas termais, áreas protegidas e locais que tem em consideração comunidade, do turismo de aventura ao de lazer ativo.

No que diz respeito ao turismo costeiro, confia - se que através de intervenções do governo local (concelhos e freguesia), isoladamente ou em conjunto com o investimento privado, é possível aumentar a área das possibilidades de recreação que combinam a paisagem e a água de forma lúdica, completamente diferente da que tem o uso exclusivo da beira-mar. Estas ofertas são de muita variedade e qualidade. A bandeira azul,

classificação que premeia e classifica as praias de melhor qualidade de águas e serviços, não é o ideal, embora possa ser um elemento de qualificação da área de recreação do meio aquático (marítimo ou fluvial, neste caso praias de rio) " (Santos & Cunha, 2008, p. 213).

No entanto, a ausência de uma política pública eficiente é apresentada como um fator agravante quando as atrações turísticas se situam em locais de difícil acesso e sem uma estrutura concreta para uma conexão rápida entre os dois elementos, turistas e atividades.

1.7. Turismo, desenvolvimento e sustentabilidade

O interesse pelo conceito de desenvolvimento não é algo de novo, muito menos se reduz ao paradigma de desenvolvimento baseado no crescimento económico.

Na verdade, confronta-se com a ideia de crescimento económico ilimitado e global, bem como com o desequilíbrio de crescimento entre países.

Sucintamente, podemos considerar que a noção de desenvolvimento esteve, durante um largo período de tempo, ancorada no conceito de crescimento económico, nomeadamente até à década de setenta do século XX. Durante este período, o desenvolvimento era entendido como sinónimo de crescimento económico, assente no aumento da produtividade, baseado na crença cega e limitada na ciência e da tecnologia, no mito do modo de vida urbano, na exploração dos recursos naturais e na centralização de toda a ação e iniciativas de desenvolvimento" (Figueiredo, 2003, p. 3).

Tendo em conta que as necessidades diferem de país para país, dependendo do contexto social, cultural e económico, o desenvolvimento não pode ser um conceito universal, mas apenas local (nacional) e no seu tempo próprio.

A discussão em torno do desenvolvimento de um novo desenho/conceção centra-se no facto de se tratar de uma abordagem mais dinâmica, bem como de uma nova política. No caso concreto do desenvolvimento costeiro deve ser visto como um processo dinâmico, multidimensional e multisectorial, que deve poder afetar todo o território e não apenas o litoral, pelas relações que se estabelecem com o restante território e vice-versa.

É muito interessante notar que a abertura de estradas para facilitar o acesso à praia ou às áreas turísticas, a expansão ou a criação de infraestruturas, como água, esgotos e energia, associados à exploração de imóveis e investimentos nesses lugares, estão ligados ao turismo e às viagens de lazer. Estas áreas serão tão mais importantes quanto se sabe que se trata de lugares onde não há nenhuma outra fonte de rendimento.

Na discussão política sobre o desenvolvimento, o meio ambiente tornou-se um elemento a ter em consideração. Novas dinâmicas e relações internas da hegemonia do capitalismo requerem a criação de novos produtos, mercados, do desenvolvimento do estilo e da redefinição das atividades económicas tradicionais. Neste contexto, Ribeiro e Barros (2001, p. 28) entendem o desenvolvimento sustentável como uma matriz que pressupõe acordo entre partes, entre atores.

As indústrias de viagens e turismo foram conduzidas a aplicarem as alterações impostas pela nova economia numa sociedade pós-moderna. Na nova empresa, com exceção da tecnologia, continua - se a considerar as questões sociais como elementos fundamentais na elaboração de políticas públicas e do setor privado a necessidade de uma nova ética para o crescimento de qualquer empresa, a preocupação com a justiça social e o meio ambiente, a necessidade de conter a violência urbana [...], a preocupação com o bem-estar da população" (Trigo, 2003, p. 44).

Trigo (2003, p. 55) define que o crescimento do turismo, além de ser um grande negócio global, é uma forma de satisfação humana que irá proporcionar a convivência entre pessoas, grupos e culturas de diferentes origens étnicas e permite avaliar os impactos na biodiversidade do planeta, sem esquecer que faz emergir sentimentos diversos e contraditórios.

Neste sentido, industrialização e urbanização podem não ser atividades rentáveis para a vida de uma pessoa ou de grupo, num conceito e num ambiente social, no sentido de se estar perante sociedades em que a natureza tem um peso muito superior na vida de algumas comunidades. Turismo que valorize a paisagem natural é uma das possibilidades e responde à motivação de uma pessoa ou grupo de pessoas que procuram o equilíbrio com a natureza, escapando ao ambiente urbano - industrial ou ao ambiente de trabalho.

Há muitas situações em que o pragmatismo de ação, no domínio do turismo, reduziu - o a uma única variável: a economia. Devido a esse pragmatismo, aliado à falta de planeamento e controlo do impacto negativo cada vez mais evidente, conduziu a um difícil equilíbrio entre ganhos económicos e desenvolvimento do turismo sustentável.

Área turística de consumo define - se pela pressão:

(...) de todos os suportes de infraestruturas físicas e de apoio (hotéis, estradas, residências, parques de campismo, bares e restaurantes, lojas, resíduos), bem como um conjunto de relações e ligações entre os elementos da natureza e da cultura. Este "aldeamento turístico metabólico" afeta os ecossistemas naturais de destino de viagem (Firmino et. al., 2004, p. 2).

Sustentabilidade é considerada como um tema que tem grande importância nas agendas de desenvolvimento governamentais (Ong & Smith, 2014, p. 256). É importante para decisores políticos e para a administração do desenvolvimento.

A expressão “metabolismo” refere-se à liquidação turística " (...) a uma série de relações ecológicas entre assentamentos e viagens biofísicas e elementos culturais" (Barros, 2000, p. 34). Sob esta perspectiva, esta ideia de sistema, o turismo é uma ampla rede de relacionamentos. Na era dos serviços, trabalho, progresso tecnológico, bem como de desenvolvimento dos meios de transporte, que encurtam a distância em termos de turismo, de maior armazenamento e divulgação rápida de informações, altamente otimizados, a necessidade de pesquisa científica abrangente precisa ser realizada para responder às preocupações de reflexão e análise do sistema de turismo, nas suas variáveis de relacionamento entre sociedade e natureza.

As questões do ambiente e do interesse demonstrado por aqueles que atualmente sobre elas se debruçam, permite a interpretação de um desejo de "retorno à natureza" (Serrano & Bruhns, 2001, p. 11). Isto é visto em uma tentativa de redescobrir a natureza através do turismo, do modo como se deve pensar a relação entre turismo cultural e ambiente e a relação mútua entre as diversas áreas da vida social, na qual os turistas se inserem de forma prática.

Baseia-se numa representação da natureza, como uma paisagem e como cenário para a ação humana, que é definido para o consumo do turismo" (Serrano & Bruhns, 2001, p. 15). Nesta perspectiva, reforça uma vez mais a necessidade de conhecer a realidade do ambiente em que se pretende realizar turismo, planeá-lo, para que ele se possa desenvolver de forma sustentável.

De acordo com Barros (2000, p. 32), a sustentabilidade é uma oportunidade para pensar sobre turismo “a partir de uma cultura mais consciente ambientalmente, ou, em outras palavras, a partir de uma cultura em que a ética ambiental passa a estar presente, superando o simples binómio ética desenvolvimento/ ética social e distributiva”.

Almeida Junior argumenta que o turismo é uma importante fonte de recursos financeiros de vários países, é considerado como um dos vetores que pode contribuir para a relação homem-natureza de forma mais harmoniosa. A sua contribuição na criação de emprego, renda e divisas num local onde se desenvolve, confirma o facto de que é uma das atividades que mais cresce no mundo, cuja influência se estende, direta e indiretamente,

por várias outras atividades económicas (apud Ribeiro & Barros, 2001, p. 27). Almeida Junior ainda afirmou que o turismo é uma das atividades económicas que contribui para a construção de um novo conceito como seja o de processo de desenvolvimento "ambientalmente sustentável e socialmente justo, em termos presentes e para as gerações futuras."

Considerada como uma atividade moderna, que ascendeu na sociedade capitalista, como outras atividades produtivas, o turismo tem sido pressionado para se adaptar à mudança de paradigma que tem sido proposto, de preocupações com o meio ambiente e questões globais. Neste caso, entende - se que a necessidade de encontrar alternativas para a implementação do turismo, em qualquer local, é guiada pelos preceitos de justiça social, eficiência económica, proteção ambiental e sustentabilidade.

A proposta de turismo sustentável sublinha a necessidade de planeamento e gestão, guiada pelos princípios da sustentabilidade: a justiça social, a viabilidade económica, sustentabilidade ambiental e a participação das diversas partes interessadas envolvidas no turismo. É importante, portanto, para a realização de ações e políticas, usar instrumentos analíticos e de prevenção dos impactos negativo sobre o ambiente social, ecológico, assim como cultural e económico.

De acordo com Ruschmann (1997, p. 29), "enquanto sistema económico, social ou ideológico, e independentemente do seu grau de desenvolvimento, os moradores têm o direito de promover todos os benefícios e vantagens oferecidas pelo turismo." No entanto, em algumas áreas, o processo de modernização e de crescimento económico, ao ser exclusivo de alguns, promoveu uma distribuição menos equitativa dos benefícios sociais. Consequentemente exacerbou problemas ambientais, e exige medidas que ultrapassem esse desequilíbrio.

Geralmente o turismo é muitas vezes referido como gerador de emprego e renda para o país, especialmente ao nível do desenvolvimento regional, uma alternativa não só para sobreviver, mas também para melhorar as condições de vida das comunidades locais que vivem nesses lugares.

Ribeiro e Barros (2001, p. 30) consideram que conceitos relacionados com o ecoturismo conduzem a uma melhoria de procedimentos em relação ao turismo tradicional e à gestão de uma beleza exótica e natural. No entanto, alertou para o surgimento de problemas com a distribuição da receita gerada pelo turismo entre a população local, sendo que o

ecoturismo pode conduzir a resultados inesperados, alterações indesejáveis e dependências de clientelas e de uma imprecisa noção de propriedade.

Conservação e gestão dos recursos naturais e cultura local são elementos importantes para o turismo, como base da oferta turística, de resposta a diferentes motivações. O desenvolvimento do turismo não pode ser realizado sem observância dos princípios e objetivos do desenvolvimento sustentável. Assim, o turismo deve respeitar as necessidades de desenvolvimento social, económico e ambiental, no seu sentido mais amplo, de desenvolvimento sustentável que integra aspetos económicos e socioculturais.

As discussões sobre o turismo sustentável foram geradas a partir do conceito de desenvolvimento sustentável, embora alguns autores argumentem que o turismo sustentável já existia muito antes da disseminação da abordagem de desenvolvimento sustentável.

A Agenda 21 para a indústria de viagens e turismo é um documento emitido em 1993 pela Organização Mundial de Turismo (OMT), em parceria com o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), a fim de desenvolver o turismo com base no conceito de desenvolvimento sustentável. A Organização Mundial do Turismo (1998, citado por Careto & Rosário, 2006, p. 51) define o turismo sustentável como aquele "que satisfaz as necessidades dos viajantes e dos locais recetores, ao mesmo tempo que protege e garante a igualdade de oportunidades para o futuro, através da gestão de recursos, na medida em que pode satisfazer as necessidades de desenvolvimento económico, social e estético, mantendo a mesma integridade cultural, os processos ecológicos, a diversidade biológica e os sistemas de suporte à vida. "

No entanto, apesar do aumento da visibilidade das questões ambientais em todos os segmentos da sociedade, vale a pena considerar que a preocupação com o futuro é suficiente para mudar agora, ultrapassando simples retóricas. Além disso, os novos valores têm sido capazes de alterar o modo de produção e consumo, que assumiu grandes dimensões com o processo de globalização para a sustentabilidade representado pela intersecção de três áreas: ambiental, social e económica (figura 2).

Figura 2 – Desenvolvimento e sustentabilidade



Fonte: (adopted from the 2002 university of Michigan Assessment)².

- a) "Sustentabilidade ecológica: garantir a compatibilidade entre o desenvolvimento económico, a manutenção dos processos biológicos essenciais, biodiversidade e recursos biológicos (princípio da precaução).
- b) A sustentabilidade social e cultural: assegurar que o desenvolvimento seja compatível com a cultura e os valores das comunidades afetadas, que continuam a fortalecer a identidade (o princípio da participação).
- c) Sustentabilidade económica: assegurar o desenvolvimento de eficiente economicamente e recursos que são gerenciados de forma a garantir a sua utilização pelas gerações futuras (princípio de solidariedade) "

A noção de turismo sustentável está largamente disseminada e alguns autores têm discutido a relação de conflito entre "turismo" e "sustentabilidade" porque o turismo motiva a produção e o consumo, porque exige um conjunto de infraestruturas e estruturas, de estradas, aeroportos, hotéis, restaurantes, e outros elementos essenciais. Neste caso, Rodrigues (2009, p. 49) afirma que a atividade turística, por essência, não corresponde à ideia de desenvolvimento sustentável.

² Disponível em: www.vanderbilt.edu/sustainvu/images/sustainability_spheres.org, acedido em 10/03/20016 às 21:22.

CAPITULO II – O TURISMO COSTEIRO EM TIMOR - LESTE

2.1. O país Timor - Leste – Breve Caracterização

Timor - Leste é um país localizado no sudeste Asiático, ao norte de Austrália e faz fronteira com a Indonésia. Estende - se por 14.610 quilómetros quadrados, ou seja, a metade oriental propriamente dita (13,643 km²) da ilha de Timor - Leste, o enclave de Oecússi - Ambeno na parte ocidental da ilha de Timor - Leste (815 km²), o ilhéu de Ataúro ao largo de Díli (144km²) e o ilhéu de Jaco (8 km²) na ponta leste do território³(Durand, 2010, p. 16).

É um país jovem, porque instaurou a sua independência em 20 de maio de 2002, depois de ter sido ocupado pela Indonésia desde Novembro de 1975. Em termos administrativos, Timor - Leste tem 13 municípios: Baucau, Bobonaro, Díli, Liquiça, Manatuto, Oe-cusse, Lautém, Viqueque, Cova-Lima, Manufahi, Ermera, Ainaro e Aileu.⁴ Díli, a capital do país, é uma cidade muito movimentada e populosa, concentrando mais de 200 000 habitantes (228 564 no ano de 2013, Díli em números, p. 22) distribuídos por 368 quilómetros quadrados e uma densidade média de mais de 650 habitantes por quilómetro quadrado.

Díli, como capital de Timor - Leste, é, essencialmente, um centro comercial e administrativo. Uma enorme estátua do Cristo - Rei domina o pequeno pico em Fatucama e observa uma das melhores praias de Díli, a da Areia Branca, cuja análise orienta esta segunda parte da nossa dissertação.

³ DURAND, Frédéric – Timor – Leste, País no Cruzamento da Ásia e do Pacífico. Um atlas histórico-Geografico. (2010)

⁴ Disponível em <http://timor-leste.gov.tl/?p=91&lang=pt>, acedido em 12-01-2016.

Figura 3 – Áreas por postos administrativos de Díli

1.2.2. Área por Posto Administrativos em Díli

Município de	Area Sq.Km	Percentage
Dili	368	2.46

Município de	Posto Administra- tivos	Área in Sq.km	Perçentagem
Dili	DILI	368	100
	Vera Cruz	33	8.9
	Nain Feto	5	1.4
	Metinaro	91	24.79
	Atauro	140	38.17
	Dom Aleixo	33	9
	Cristo Rei	65	17.75

Fonte/Source: Direcção Geral de Estatística/General Directorate of Statistics

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.3. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de maio de 2016

Os dados indicados na tabela seguinte, mostram uma estrutura populacional muito jovem porque mais de 50% têm menos de 25 anos e uma taxa de nascimentos muito elevada, acima de mortalidade. Trata-se de um país jovem (42,4% abaixo ou igual a 14 anos) e que precisa de dar trabalho a muitas famílias.

Quadro 4 - Timor - Leste Perfil População 2014

População	1.201.542 note: other estimates range as low as 800.000 (Julho 2014 est.)
Distribuição da idade	0-14 anos: 42,4% (homens 261.794/mulheres 247.486) 15-24 anos: 19,8% (homens 120.256/mulheres 117.268) 25-54 anos: 29,3% (homens 170.179/mulheres 182.278) 55-64 anos: 4,8% (homens 29.867/mulheres 28.156) 65 anos y mais: 3,7% (homens 21.214/mulheres 23.044) (2014 est.)
Taxa de crescimento	2,44% (2014 est.)
Taxa de nascimento	34,48 nascimentos/1.000 habitantes (2014 est.)

Taxa de mortalidade	6,18 mortes/1.000 habitantes (2014 est.)
Taxa de migração	-3,87 migrante(s)/1.000 habitantes (2014 est.)
Distribuição por sexo	no nascimento: 1,07 homens/mulher 0-14 anos: 1,06 homens/mulher 15-24 anos: 1,03 homens/mulher 25-54 anos: 0,93 homens/mulher 55-64 anos: 1,01 homens/mulher 65 anos y mais: 0,96 homens/mulher população total: 1,01 homens/mulher (2014 est.)
Taxa de mortalidade infantil	total: 38,79 mortes/1.000 nascimentos homens: 41,84 mortes/1.000 nascimentos mulheres: 35,54 mortes/1.000 nascimentos (2014 est.)
Expectativa de vida no nascimento	população total: 67,39 anos homens: 65,87 anos mulheres: 69,01 anos (2014 est.)
Taxa de fertilidade	5,11 infantes nascidos/mulher (2014 est.)
VIH/SIDA - taxa de incidência da população adulta	NA
VIH/SIDA - habitantes infectados com VIH/SIDA	NA
VIH/SIDA - mortes	NA
Taxa de mortalidade materna	300 óbitos / cem mil nascidos vivos (2010)
Taxa de alfabetização	definition: age 15 and over can read and write população total: 58,3% homens: 63,6% mulheres: 53% (2010 est.)
Crianças menores de 5 anos abaixo do peso normal	45,3% (2010)
Gasto com saúde	5,1% do PIB (2011)
Densidade de médicos	0,1 médicos / 1.000 habitantes (2004)
Leitos hospitalares per capita	5,9 leitos / 1.000 habitantes (2010)
Obesidade - taxa de incidência da população adulta	2,7% (2008)

Fonte: Timor Leste Perfil População 2014 disponível em

http://www.indexmundi.com/pt/timor_lesste/populacao_perfil.html, acessado a 3 de maio de 2016

A cultura e os costumes do país são símbolos representativos de um território, sendo que cada região tem as suas próprias características. Os principais setores da atividade económica de Timor - Leste são: Agricultura, Turismo e Indústria petrolífera.

Figura 4: Mapa do País de Timor-Leste



Fonte: Tirado em <http://www.mapsofworld.com/timor-leste/>, em 13/04/2016.

No período de transição sob a administração das Nações Unidas entre 1999-2013, o país recebeu muitos estrangeiros, sobretudo pessoal das Nações Unidas que prestaram serviço no território. É óbvio que esta presença terá tido algum impacto na área de turismo, foi muito visitado, em particular nas praias das margens da capital, sobretudo a praia de Areia Branca, de que iremos falar mais à frente.

Os dados que possuímos sobre as entradas de turistas são poucas, mas os dados mais recentes, de 2013, dão - nos a indicação de haver uma duplicação nos registos do aeroporto entre 2010 e 2013, sendo que as entradas serão quase um quarto da população de Díli, sendo a Austrália e a Indonésia os países donde é proveniente a maioria das entradas.

Figura 5 – Chegada de estrangeiros ao aeroporto de Díli, por país de origem - 2010 a 2013

2.1.4. Chegada de Estrangeiros ao Aeroporto de Díli, por país de origem				
	Nº			
Países	2010	2011	2012	2013
Austrália	11 262	12 419	12 138	12 817
Brasil	803	978	1 722	707
China	2 659	3 464	4 972	4 346
EUA	1 720	2207	2 211	2 130
Filipinas	2 177	2 413	3 842	3 936
Índia	2 027	1 451	862	738
Indonésia	6 744	11 179	15 303	17 520
Japão	1 208	1 232	1 211	1 438
Malásia	1 756	1 829	1 944	1 455
Nova Zelândia	800	711	815	737
Paquistão	399	449	313	90
Portugal	996	5 916	6 130	5 894
Reino Unido	929	1 002	915	489
Singapura	1 495	1 519	1 381	1 457
Outros países	4 850	3 821	3 758	24 118
Total	39 825	50 590	57 517	77 135

Fonte/Source: Departamento de Imigração, Polícia Nacional de Timor-Leste
Immigration Department, Timor-Leste National Police

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.12. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de maio de 2016

2.2. O espaço turístico e de lazer na praia da Areia Branca

A Praia de Areia Branca é um território litoral com um elevado potencial natural e paisagístico, como iremos ver.

Chama - se Areia Branca porque é coberta por fina areia branca, batida pelo mar, ambiente confortável, muito bonito, especialmente à tarde, quando o sol começa a inclinar - se para o oeste ou pôr - do - sol. Trata - se de um espaço público, que é dotado de um pequeno jardim, espaço para festas e pequenas casas que abrigam da chuva e do sol (temperaturas acima dos 28 graus), que animam o convívio e permitem usufruir o ar fresco, pela proximidade do mar.

Figura 6: Imagem de praia Areia Branca Cristo Rei



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/zfBjmTFrC6Y/maxresdefault.jpg>, tirado em 13-04-2016.

Antigamente, no período colonial indonésio, a praia da Areia Branca designava-se por “pasir putih” (em Indonésio) e “Rai - henek mutin” (em tétum) e hoje em dia ainda é assim chamada por alguns Timorenses. Situada a leste da capital, Díli, na base do monte de Fatucama, suco de Metiaut, é um lugar atraente para os visitantes que chegam ao país.

Figura 7 – Temperatura e precipitação médias, entre 2007 e 2013

1.3.1. Temperatura média anual e precipitação anual em Díli							
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Temperatura média anual	29.4	29.3	29.5	29.5	28.9	29.0	29.1
°C							
Precipitação total anual	769	1 024	526	1 716.4	911.8	739.3	244.4
mm							
Observações: Dados apenas da estação metereológica do aeroporto de Díli							

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.5. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de maio de 2016.

Segundo a minha observação direta, é um espaço bonito pela sua paisagem natural e cultural. Além disso, tal espaço é compatível com o exercício de natação no mar, banho de sol, o convívio, a atividade física e desporto náutico, o usufruto do ar puro do mar. O seu desenvolvimento cultural associa-se aos valores simbólicos de Timor - Leste, como a casa tradicional de Timor - Leste e a cultura artística do povo, realizando - se eventos relacionados com o artesanato de Timor, como por exemplo, de venda de “tais, um tecido tradicional da cultura timorense, grosseiro, feito de algodão em teares domésticos bastante toscos, por nativas de quase todas as regiões de Timor - Leste, tanto na ponta leste como na oeste, mas também em outros países do mundo” (Ximenes, 2012, p.2). O acesso a este sítio pode ser feito através de táxis e de transportes privados, demorando-se apenas cerca de 15 minutos para se chegar, a partir de Bidau, Díli. Hoje em dia não há ainda transportes públicos, como as pequenas camionetas chamadas mikrolet (à volta de 12 pessoas), que circulam até este lugar. Aliás, o aumento de transporte próprio tem facilitado, certamente, o acesso a esta praia.

Figura 8 – Evolução do número de veículos em Díli, entre 2008 e 2013

3.5.1. Veículos Registrados, por tipo de Veículo em Díli						
Tipo de veículo	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Motociclos	4 053	7 469	6953	4 928	8 410	8 075
Ligeiros de passageiros	1 159	2 841	3160	2 638	4 211	6 421
Ligeiros de mercadorias	241	495	173	386	555	1 259
Pesados	216	720	654	574	164	223
Total	5 669	11 525	10 940	8 526	13 940	15 978
Fonte/Source: Direcção Nacional dos Transportes Terrestres						

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.36. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de 55maio de 2016

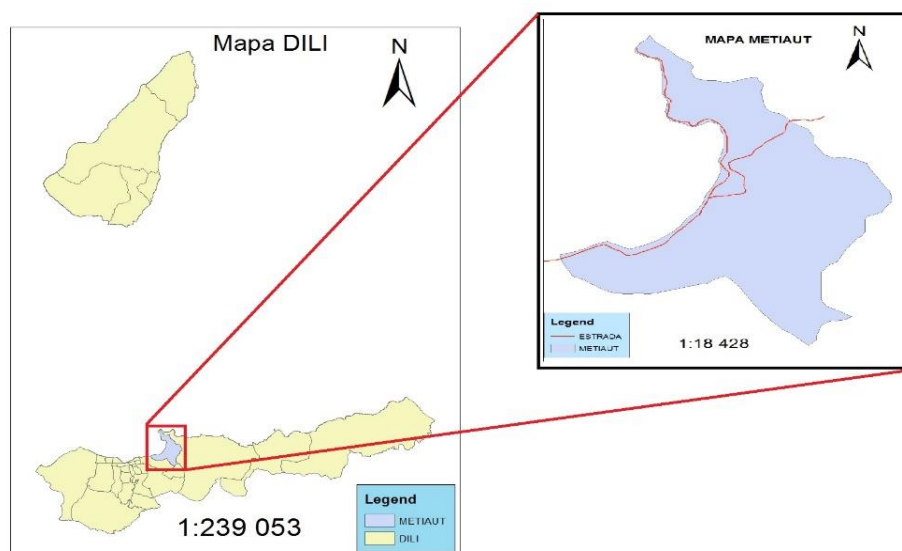
Nos arredores da praia existem restaurantes com diversas receitas de gastronomia típica timorense e até se pode provar a água do fruto coco. Por outro lado, existem também hotéis e bares onde se pode pernoitar, festejar e apanhar ar natural e sentir o cheiro do mar. A entrevista realizada à proprietária do restaurante “Sol e Mar” (ver anexo 1) mostra quais são os pratos tradicionais, o consumo de peixe fresco e frango grelhados, vegetais, etc. Ela refere os clientes, lembrando a presença de estrangeiros (malae), nomeadamente os das Nações Unidas e como o negócio cresceu. Além do mais a comida tradicional tem sido cozinhada noutros locais, como Lisboa, Portugal, e em Macau. Também se realizam festas de casamento, aniversários, workshops, etc.

Nos fins – de - semana e nos tempos livres, principalmente nas épocas de férias de Natal e de passagem do ano, o lugar encontra - se movimentado e cheio de gente, à procura de diversão.

Cristo Rei é um dos pontos mais visitados e que fica na proximidade praia de Areia Branca. É um símbolo católico e foi oferecido como um presente do governo Indonésio ao povo timorense, tendo sido oficialmente inaugurado em 1996, pelo presidente Hadji Mohamed Suharto, conhecido por Suharto, antigo presidente Indonésio (1967 - 1998). A altura da estátua atinge cerca de 25 metros, situada na península de Fatucam. Tem uma boa vista para a ilha de Ataúro, para a capital, Díli e uma vista maravilhosa para a praia de Dolog Oan, a noroeste. Torna - se um dos pontos turísticos mais procurados de Timor - Leste. Para chegar até ao cimo do monte e à base da estátua do Cristo Rei, deve - se

subir cerca de quinhentos degraus. Em alguns patamares das escadas existem as 14 estações da Via - sacra, seguidas pelos crentes católicos que a percorrem habitualmente e em particular na Semana Santa de Páscoa.

Figura 9: Mapa Distrito de Díli e Suco Metiaut



Fonte: JMM,

Tirado em <https://sites.google.com/site/gigtimorleste/data/administrative-boundaries>, em 12-04-2015.

Os atributos que constituem atrativos da praia da Areia Branca são de natureza ambiental e cultural, legalmente protegidos pelo governo ou estado de Timor - leste, dado que, em 2009, a praia foi renovada pelo Governo Timor - Leste, com a construção de infraestruturas, nas construções de abrigos para proteger do sol e da chuva, de casas de banho e também um lago num jardim

De acordo com ministério de Turismo de Timor - Leste, não existem dados específicos acerca das infraestruturas de alojamento e restauração existentes na praia da Areia Branca. Segundo dados do ministério do Turismo, a praia da Areia Branca, Suco Metiaut, em 2015, possuía 16 (dezasseis) bares e restaurantes, 8 (oito) hotéis e o número de visitas de turistas para o ano de 2014 foi de 48 986 (Dados ministério de Turismo Timor - Leste, recebidos amavelmente do Ministério do Turismo, em Setembro de 2015).

Os números apresentados em anexo mostram a dimensão dos restaurantes (16) e hotéis (8) existentes naquela praia e suco de Metiaut. Os dados demonstram diversidade de

oferta, capacidade de alojamento, porque temos 239 camas que dão emprego a 84 locais. Em termos de restauração, existem 16 restaurantes para 1744 pessoas.

Estes números indicam que em Timor - Leste tem emergido um negócio significativo, que exige planeamento adequado, porque poderá trazer problemas de consumo de espaço e eventuais reflexos nos interesses da comunidade local e da pressão sobre a ocupação da terra, embora a lei nacional restrinja a venda de terra aos estrangeiros.

2.3 Políticas de Turismo em Timor - Leste, Turismo Costeiro e Planeamento

Tal como acontece na praia de Areia Branca, Timor - Leste enfrenta o desafio de encontrar respostas à procura turística, promovendo atividades de lazer diversificadas. Do ponto de vista do património cultural e natural, alguns estudos apontam para a diversidade, que ultrapassa a densidade urbana centrada em Díli. Entre os vários estudos, sublinhe-se uma dissertação de mestrado acerca dos roteiros da Resistência de Timor - Leste, que desenhou lógicas culturais e de património natural, que bem se articulam com o turismo costeiro, de que vimos a falar (Gaio, 2014). Lembremos - nos que pode oferecer espetaculares montanhas, lagos e fontes de água quente, bem como praias de areia branca e locais para a prática do surf e mergulho, além de construções coloniais interessantes, entre as quais fortalezas e igrejas.

Contudo, no contexto do processo de globalização e internacionalização do capital, a tendência poderá ser a da turistificação do espaço, com impactos na sustentabilidade turística que tende a ignorar os interesses da população local.

Sabemos já de pressões sobre a borda costeira e no litoral, assim como nos corais da área entre Metinaro e Manatuto, normalmente conhecidos como grande suporte à atividade de mergulho (vide dissertação de Joaquim Silveira, a apresentar brevemente – 2016) e a tendencial expectativa de expansão de infraestruturas cuja dimensão poderá vir a trazer consequências, pelo que, nada fazer nada poderá tornar-se uma opção insustentável para a preservação ambiental.

Os dados existentes, embora indiretos, acerca dos indicadores de construção civil, evidenciam um crescimento do número de licenças, embora não se indique quem as possui, onde e para quem, embora os dados de 2013 apontem alguma queda.

Figura 10 – Licenças para construção Civil, de 2007 a 2013

3.4.1. Licenças de construção								
	Unidade	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Licenças concedidas	Nº	18	22	32	60	64	33	23
Área de construção projectada	m ²	9 420	40 453	32 266	79 487	72 437	45 086	26 364
Média por licença	m ²	523	1 839	1 008	1 325	1 132	1 366	1146
Valor projectado da construção	10 ³ USD	1 779	11 319	12 637	27 339	28 461	17 664	9393
Média por licença	10 ³ USD	99	514	395	456	445	535	408
Média por m ²	USD	189	280	392	344	393	392	356

Fonte/Source: Ministério das Obras Públicas de Timor-Leste

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.35. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de maio de 2016.

O consumo de eletricidade, nos últimos anos, embora pareça insignificante, simboliza um consumo crescente, em particular em residências e estabelecimentos comerciais, quase duplicando entre 2010 e 2013, como se observa na figura seguinte. Assim sendo, acompanhando esta tendência, percebe-se que a planificação e ordenamento territorial se imponham.

Figura 11 – Produção e consumo de eletricidade, de 2010 a 2013

3.3.1. Produção e consumo de Electricidade em Díli				
	10 ³ KWh			
	2010	2011	2012	2013
Produção	136 610	140 056	126 007	295 042
Consumo	79 309	78 099	70 075	97 457
Doméstico	30 916	37 303	29 986	39 903
Comercial	29 153	25 316	27 261	40 611
Governo	17 494	13 766	10 521	14 877
Outros	1 746	1 711	2 307	2 066

Observações: “Outros” inclui escolas, igrejas e representações estrangeiras em Díli.

Fonte/Source: EDTL-Electricidade de Timor-Leste/Timor-Leste Electricity

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.34. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de maio de 2016.

As nações membros de Asia Pacific Region of the Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP), estão a adotar o Plan of Action for Sustainable Tourism Development in the Asian and Pacific Region (PASTA) desde meados da década de 1990s (Economic and Social Commission for Asia and the Pacific, 2001, p. 1). Timor Leste como país que se insere na região Ásia Pacífico deve adotá-lo também. O desenvolvimento do turismo sustentável baseia - se maioritariamente em pequenas e médias empresas, e pelos dados atrás apresentados, a propósito do alojamento e serviços na Praia da Areia Branca apontam nesse sentido, de uma distribuição mais equilibrada das atividades económicas e das oportunidades de emprego.

Um outro indicador é o que diz respeito à participação das comunidades locais em Timor-Leste, quer na prestação de serviços aos visitantes, incluindo alojamento, quer no acompanhamento em termos de conhecimento da vida do dia – a – dia, inclusive no fornecimento e preparação de alimentos. Para elevar à sua capacidade de envolvimento e resposta, a introdução de novas opções de tecnologia, de acesso à Internet, conectando turistas a empresas locais acrescenta uma outra dimensão. A imagem seguinte refere - se ao aumento de redes móveis que facilitaram as comunicações, embora nem sempre a rede móvel seja eficaz.

Figura 12 – Número de subscritores de redes de comunicação, móveis e fixas, 2008 a 2013

3.6.1. Subscritores de Serviços Telefónicos, por tipo						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Rede fixa (Nº)	2 641	2 907	2 999	2 966	11 700	9 424
Variação anual (%)	7.5	10.1	3.2 %	-1.1	75.2%	-19.5%
Rede móvel (Nº)	125 022	350 867	473 020	602 481	687 682	624 465
Variação anual (%)	59.8	180.6	34.8 %	27.4	49.0%	-9.2%
Fonte/Source: Timor Telecom						

Fonte: Díli em Números. Estatística de Município de Díli – 2013, p.40. Disponível em http://www.statistics.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Municipio_Dili_em_Numeros_2013.pdf, consultado a 1 de maio de 2016

A transformação dos recursos naturais em produtos turísticos oferecidos num mercado tendencialmente global, tem sido a panaceia para muitos problemas de desenvolvimento, com foco especial em áreas onde a atividade turística continua a ter um significado relativo. A Praia da Areia Branca Díli Timor – Leste, como outras praias da costa de Timor-Leste poderá ser um bom observatório para avaliar a relação entre as atividades recreativas e o respeito pelos recursos naturais marinhos, a partir de um planeamento adequado da construção de infraestruturas e equipamentos.

As atividades de planeamento podem realmente contribuir para a melhoria da qualidade de vida para comunidade que vive em lá. Não só através da criação do trabalho realizado pelo governo, mas principalmente através de uma consciência pública em relação ao património ambiental, de sensibilização da transmissão de uma geração para a seguinte. Neste sentido há que ter conhecimento da capacidade de carga e agir com uma estratégia de gestão e responsabilidade. Um exemplo, prever o estacionamento de viaturas, tendo em consideração os números atrás mencionados, sendo que se verificam engarrafamentos de trânsito.

Se planeadas e bem geridas, as atividades de ecoturismo podem ser uma alternativa para o desenvolvimento sustentável das comunidades locais em ecossistemas costeiros. Problemas de distribuição dos benefícios prejudicariam a população local e a sustentabilidade do ambiente social em turismo costeiro.

Na zona oriental de Díli, a praia da Areia Branca, nosso objeto de estudo, é considerada como um recurso essencial para a atividade turística e de lazer. Esta potencialidade não tem encontrado grande eco no Plano Estratégico de Desenvolvimento [PED] (2011) e no Programa do VI Governo Constitucional [PVIGC] 2015-2017 (2015), embora, como se verá à frente, foi alvo de intervenção por parte do governo.

Segundo Cooper e Vargas (2004) os fatores fundamentais da política de turismo devem incluir a viabilidade técnica, jurídica, fiscal, administrativa, política e cultural. Assim sendo, o desenvolvimento do turismo costeiro terá que incluir uma ação de conservação e proteção de biodiversidade marinha, dos recifes de coral em conjunto com os recursos marítimos e costeiros consagrados e conhecidos, de sol e praia.

O enquadramento de uma política eficiente em que se relacionam as redes organizacionais, o processo de implementação, as regras e a sustentabilidade do turismo costeiro (Dodds & Butler, 2010), a sustentabilidade ambiental (Ribeiro e Barros, 2001) no sentido de criação de novos produtos e mercados não parecem estar presentes na política e no programa sobre o turismo costeiro tanto no PED como no PVIGC. A razão para este menor registo poderá estar relacionada com o facto de ambos descreverem o turismo costeiro como um segmento muito menos observado e a incluir num plano de zonamento.

A sustentabilidade ambiental na zona costeira é uma abordagem importante, mas para se atingir em termos de mecanismo do processo de desenvolvimento, as relações institucionais, as funções principais do governo, as regras, terão que ser tomadas em consideração. O planeamento do ecossistema e da gestão efetiva dos recursos costeiros tais como a areia, os corais, o mar e a biodiversidade e o seu habitat são fatores integrantes do turismo costeiro.

O objetivo é promover o desenvolvimento económico regional, a comunidade na zona costeira através de abordagem do ponto de vista do ecoturismo costeiro-marinho (Boggs et al., 2009, pp. 17 - 20).

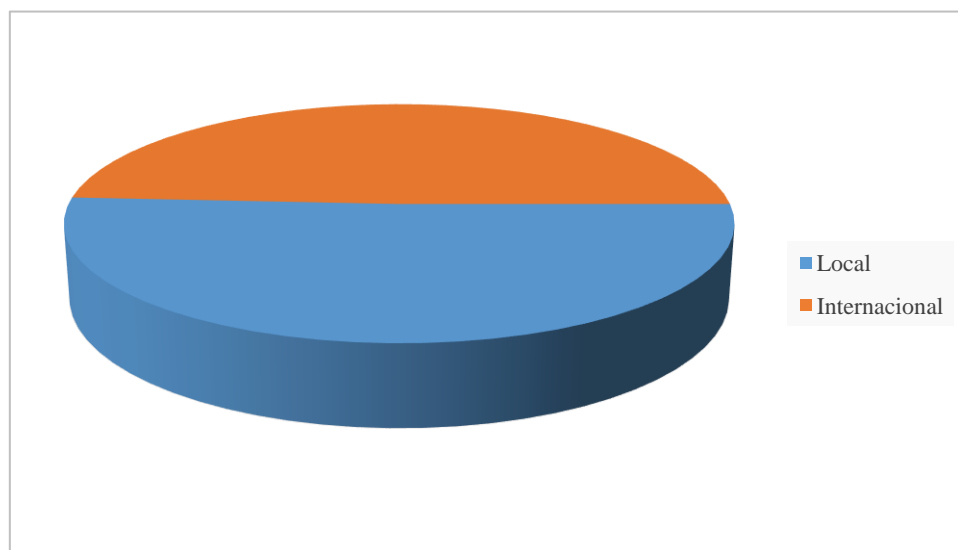
Contudo, no planeamento do turismo em Díli, especialmente no sentido de usufruir do espaço litoral e costeiro, há que considerar também os fatores que podem prejudicar os sistemas ecológicos e socioculturais. Lixos e resíduos devem ser tomados em consideração, assim como atividades que não degradem o ambiente social e ecológico. Estes são requisitos de fundo, que deverão orientar a gestão do turismo costeiro, na praia de Areia Branca em Díli.

Apesar do reconhecimento internacional da importância do desenvolvimento do turismo sustentável, Timor - Leste tem um longo caminho a percorrer, e a Praia da Areia Branca, Díli Timor - Leste, tem que dar o primeiro passo para mudar essa realidade, promovendo um programa de ação que inclua os principais atores: visitantes e residentes, comunidade estrangeira e local. Mas para tal, será necessário avaliar qual é, efetivamente, o perfil dos visitantes, o que procuram, que motivações.

2.4. O perfil dos visitantes da Praia da Areia Branca

Os dados que se apresentam correspondem ao tratamento da informação que têm como suporte os dados quantitativos que seguem em anexo 2.

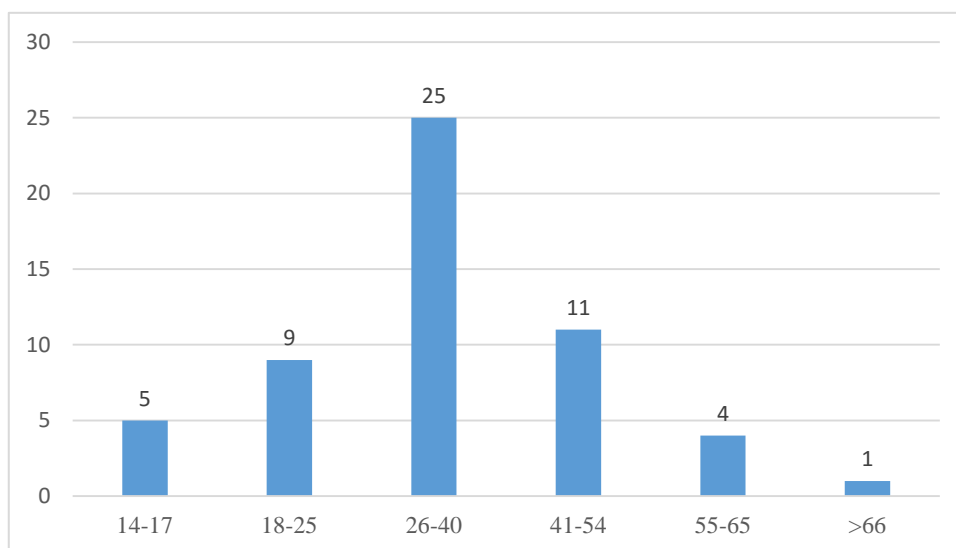
Figura 13: Os tipos dos visitantes inquiridos segundo o local de origem



Fonte: Anexo 2 : Origem

A pesquisa corresponde a 55 inquéritos a visitantes que visitam e já visitaram o lugar turístico e recreativo da praia da Areia Branca, Díli, Timor - Leste. O resultado demonstra que tanto os visitantes locais e internacionais representam percentagens quase iguais, embora os visitantes locais representem 51%.

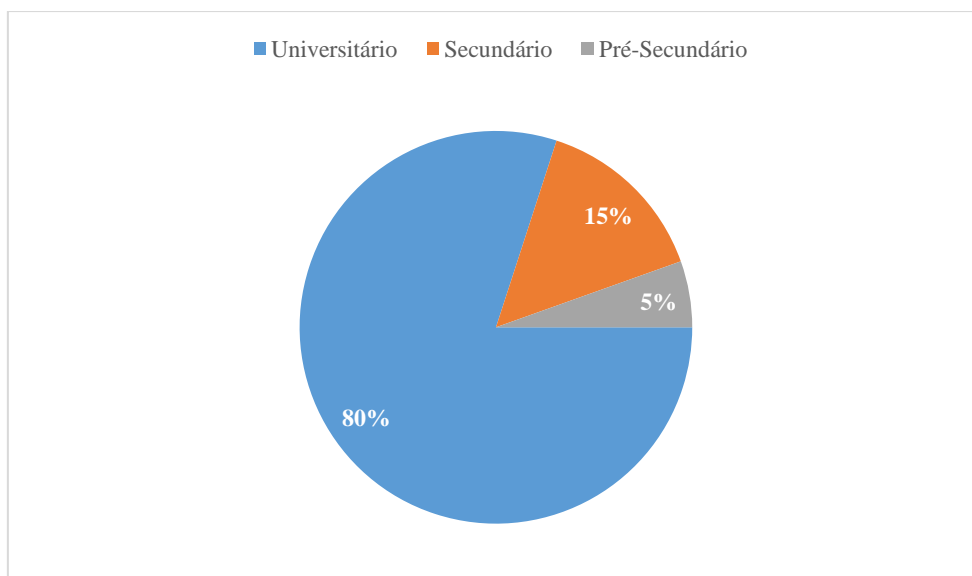
Figura 14: Distribuição dos visitantes de acordo com a idade



Fonte: Anexo 2: Idade

Os visitantes inquiridos foram distribuídos em seis categorias. O maior número de inquiridos corresponde ao intervalo de idades entre os 26 e os 40 anos (25 pessoas ou 46%), seguidos do grupo de 41 a 54 anos (11 inquiridos) e de seguida os de 18 a 25, os de 14 a 17 anos e os de 55 a 65. O restante grupo é residual, um elemento com mais de 66 anos.

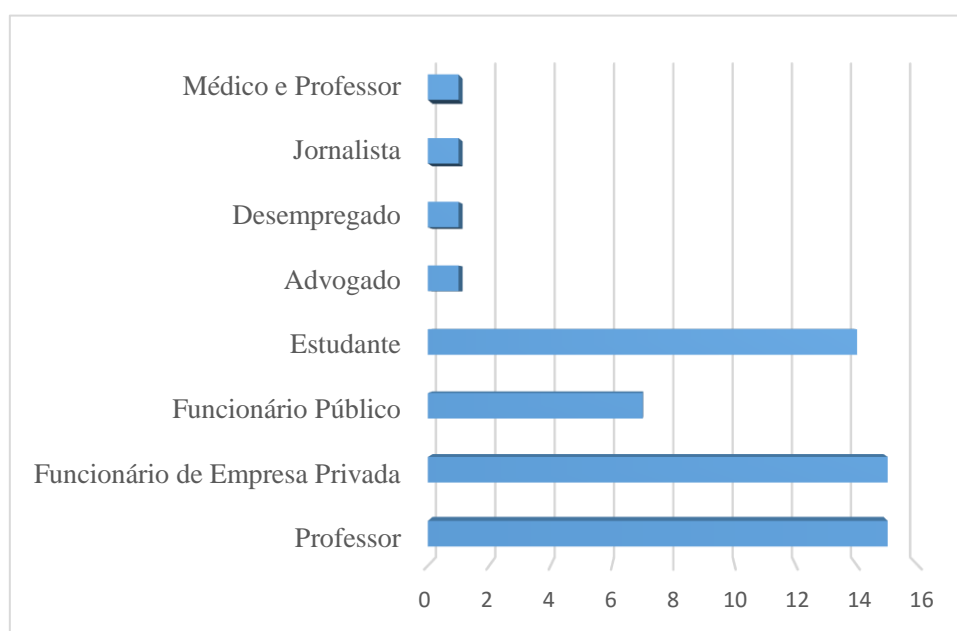
Figura 15: Grau de escolaridade



Fonte: Anexo 2: Escolaridade

Os visitantes inquiridos têm, maioritariamente, o grau de escolaridade universitário 80%, o secundário 15% e o pré-secundário 5%, por razões que se analisarão mais à frente.

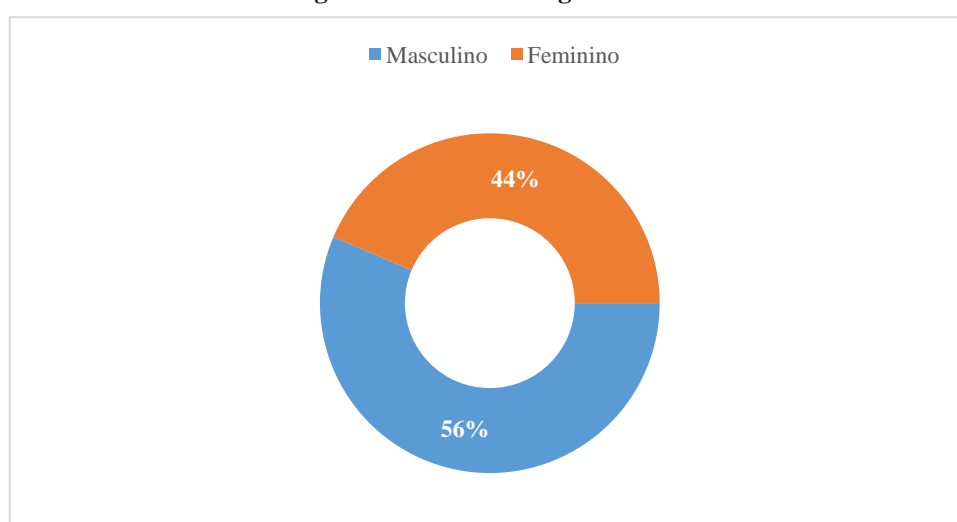
Figura 16: Número de visitantes de acordo com a profissão



Fonte: Anexo 2: Profissão

Os funcionários de empresas privadas, os professores e os estudantes inquiridos são os visitantes que representam um maior número. Ambos os visitantes que trabalham como funcionários de empresa privada e os professores representam a mesma percentagem de 27%. Enquanto os estudantes representam 25%. Outros visitantes apresentam uma única ocorrência (o advogado, o desempregado, o jornalista, ou que acumulam profissões como a de professor e médico).

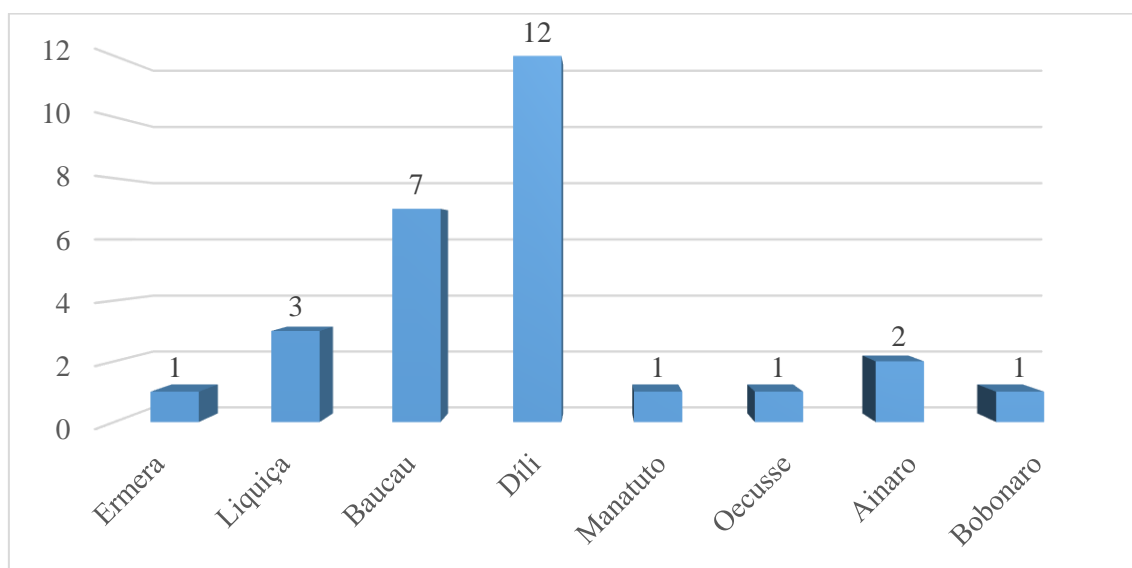
Figura 17: Visitantes segundo o sexo



Fonte: Anexo 2: Sexo

A maioria dos visitantes é do sexo masculino, 56%, demonstrando algum equilíbrio entre homens e mulheres.

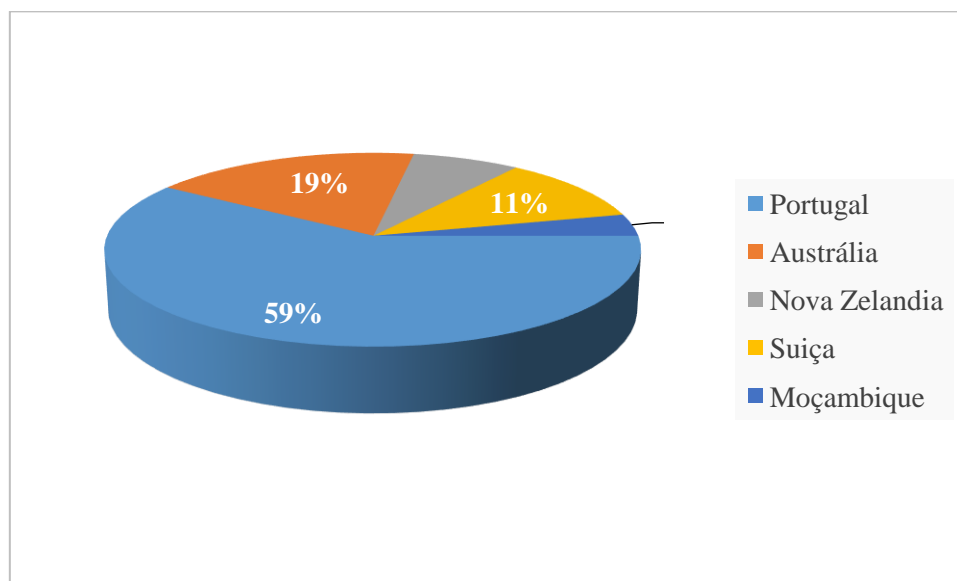
Figura 18: Distrito de origem dos visitantes



Fonte: Anexo 2: Distrito de origem

O total dos visitantes locais inquiridos é de 28 pessoas. Verifica - se que visitam a Praia da Areia Branca fundamentalmente locais da cidade de Díli, 12 pessoas ou 42.9 %, a seguir de Baucau com 25%, a seguir os do Distrito de Liquiça com apenas 3 e os restantes de Ermera, de Manatuto, de Oecusse e de Bobonaro. Ou seja, atrai visitantes mais próximos, embora a presença de visitantes de Baucau já identifique alguma mobilidade, sobretudo porque os acessos são difíceis e demorados, sem transporte público.

Figura 19: Os visitantes internacionais, de acordo com o país de origem



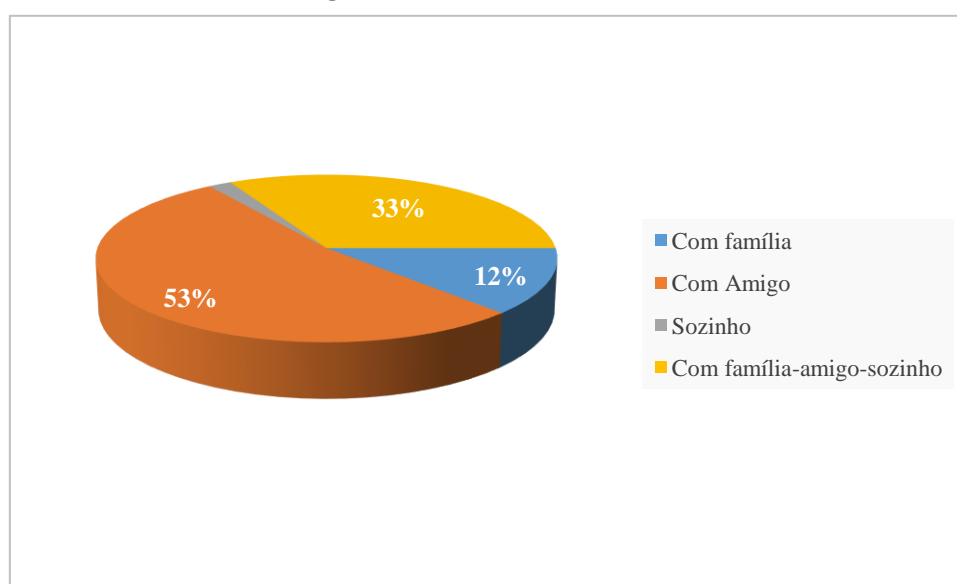
Fonte: Anexo 2: País de Origem

Os turistas internacionais são, esmagadoramente, de Portugal (16). A grande distância vêm os australianos (5) e depois suíços, neo - zelandesas e moçambicanos. O padrão dos visitantes portugueses prende-se com o fator de cooperação internacional e o trabalho profissional, embora os restantes também se apresentem como visitantes que residem momentaneamente por razões profissionais. Seja como for aponta para a possibilidade de haver uma associação quer a um passado colonial quer ao apoio no período de independência. Pode ainda acontecer, que se possa encontrar outras praias cuja presença corresponda a outras nacionalidades (caso da Austrália), por razões que se prendem com a especialização profissional.

2.5. Os motivos, as atividades turísticas e de lazer na Praia da Areia Branca

Interessa perceber as razões que levaram os visitantes, naturais e estrangeiros, a visitarem a Praia, pelo que se pretende saber a natureza das visitas, o alojamento, a repetição das visitas e o tempo em que delas usufruíram.

Figura 20: A natureza das visitas

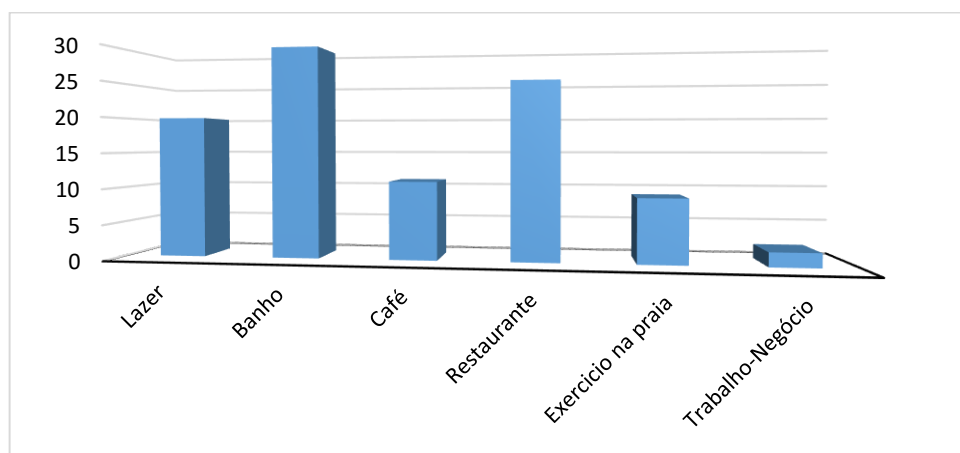


Fonte: Anexo 2 Carácter das visitas

As visitas foram feitas, fundamentalmente, com amigos, ou com família-amigos-sozinho, com família e sozinho. Atividade realizada com amigo representa 53%, enquanto a atividade turística e de lazer com família – amigo - sozinho quando se visita mais do que uma vez, que representa 33% dos casos. Sozinho representa uma percentagem pequeníssima, ou 2%. Tanto a atividade turística e de lazer, realizada com amigos e com família – amigo - sozinho foi feita tanto por visitantes internacionais como locais. O trabalho e os transportes próprios são os meios usados essencialmente, sobretudo com

grau de escolaridade universitária. O secundário e o pré - secundário tem um padrão diferente, porque vêm em família, por amizade e com colegas, mais jovens.

Figura 21: Distribuição dos visitantes por tipo de atividades

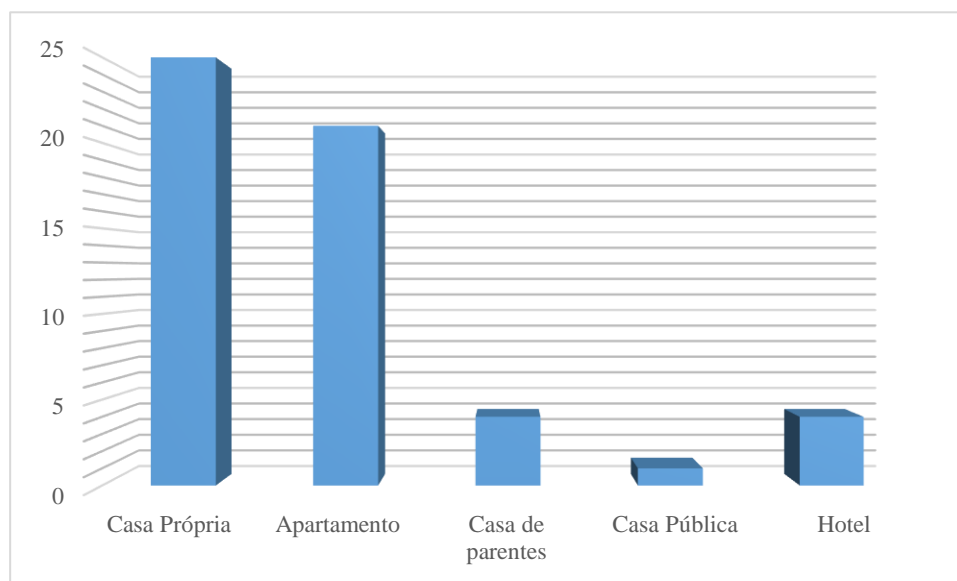


Fonte: Inquéritos – resultado pergunta nº 7

A atividade de lazer (apanhar o sol, repouso, usufruir o ar puro), o banho no mar e o exercício na praia são um conjunto das atividades identificadas neste inquérito. O banho no mar representa o número maior (30), seguido pelo lazer (20, passear, estar na praia, usufruir). A atividade física (9), o exercício na praia também é considerada com um atividade emergente. Mesmo assim, estas três atividades não são realizadas por todos visitantes, tanto internacionais como locais. Outros vão apenas para comer nos restaurantes (25) e tomar café (11), servido nos restaurantes e cafetarias. A atividade de lazer, o banho no mar em conjunto com a restauração, são mais realizadas pelos turistas internacionais do que pelos locais.

Os resultados indiciam que cada visitante tem o seu motivo. Por um lado, alguns visitantes, tanto internacionais e locais, estudantes ou funcionários, adultos, jovens, masculinos, femininos realizam apenas uma atividade, entre o lazer, o banho no mar, aproveitar a comida e o café, o exercício na praia. Por outro, muitos deslocam - se para realizarem duas a cinco atividades de lazer em simultâneo, banho no mar, exercício na praia, café e restaurante. Estas atividades distribuem-se pelos dois sexos, níveis de escolaridade, origem e profissão.

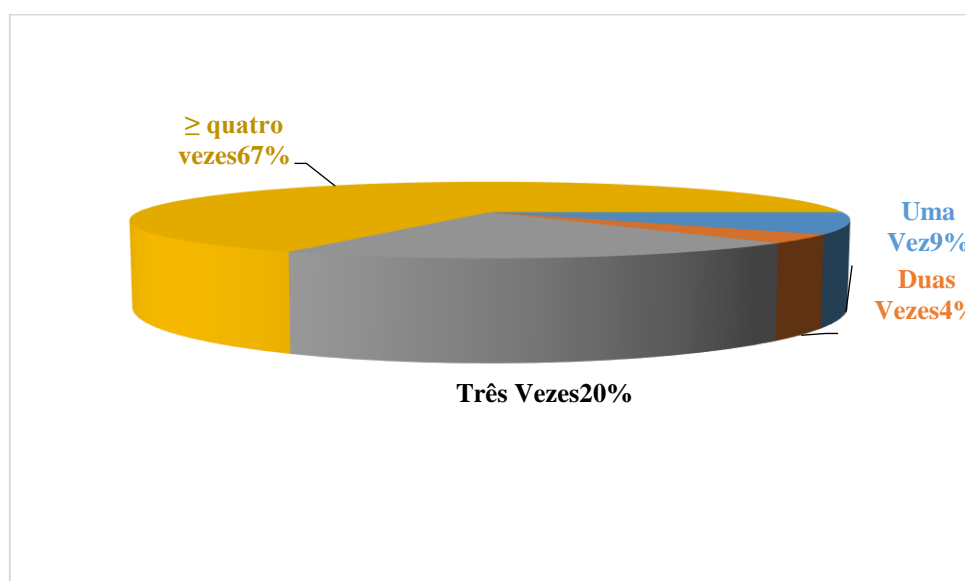
Figura 22: Serviços de alojamento



Fonte: Anexo 2 : Meios de Alojamento

O gráfico demonstra que os visitantes distribuem-se entre casa própria, apartamentos, casa de parentes, hotéis e casa pública. A casa própria é absolutamente utilizada pelos visitantes timorenses. O apartamento e o hotel são utilizados pelos turistas internacionais já identificados (portugueses, australianos, neo - zelandezas, suíços, moçambicanos). Mesmo assim, a maioria dos portugueses utiliza os apartamentos como meio preferencial, embora também utilizem a casa de parentes. O número maior com casa própria representa os turistas/visitantes locais inquiridos.

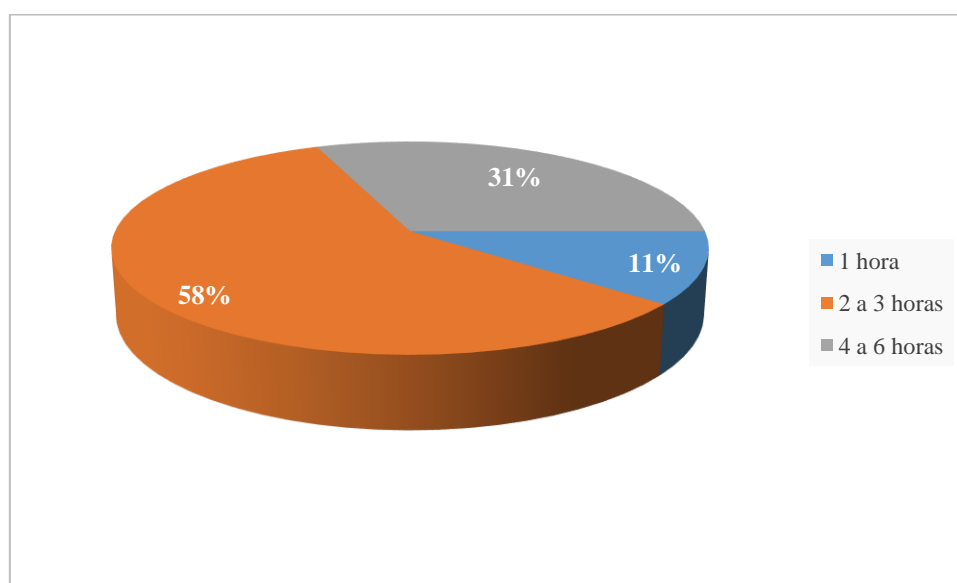
Figura 23: A frequência das visitas



Fonte: Anexo 2: Frequência de visita

Quatro vezes e mais (67%), três vezes (20%), duas vezes (4%) e uma vez (9%) são os números que nos surgem. Tantos os visitantes internacionais e os locais que trabalham em Díli, durante um período longo são os que mais frequentam a praia, 4 vezes e mais. Adicionalmente, os fatores da relação de amizade e contacto com a família justificam essa vinda mais frequente, para tomar banho, apanhar o sol, para um evento de convívio. Enquanto os que se consideram turistas, porque fazem uma visita de curta duração em Timor-Leste, apenas visitam a Areia Branca por duas e uma vez.

Figura 24: Tempo de permanência



Fonte: Anexo 2: Tempo de permanência

O tempo de permanência varia entre uma hora, 2 a 3 horas, 4 a 6 horas. A maioria dos visitantes inquiridos, tanto os internacionais e locais demoram - se 2 a 3 horas (58%), 4 a 6 horas (31%), uma hora (apenas 11%). As razões associam-se a tomar banho em conjunto com frequentar os restaurantes e no café, em que gastam 2 a 3 horas. Os que vêm tomar banho, apanham o sol e gastam 4 a 6 horas. Os que apenas vêm para fazer exercício na praia, tomar café ao restaurante normalmente gastam apenas 1 hora. Neste contexto, a questão da idade não implica com o tempo de permanência, mas sim os motivos de visita, o estar com amigo e família.

Considerações Finais

Na pesquisa de campo, nos dados recolhidos, ficamos com algumas percepções sobre as valências, as motivações, as respostas e os perfis. Fique claro que a Praia da Areia Branca será um campo de observação, mas não representa todas as potencialidades, nem todas as Praias de Timor - Leste.

O que se viu foi um universo constituído por nativos, que querem usufruir do que a praia concede, naturalmente. Os estrangeiros são “quase” residentes, porque vivem, profissionalmente, durante alguns meses (se não anos).

Quem vai à Praia tem nível escolar, e talvez fosse importante elaborar um inquérito junto da população em geral, para perceber como usufruem do que a praia dá e os equipamentos construídos, oferecem.

A Praia da Areia Branca apresenta serviços (veja - se anexo 4), Restauração, Café, Hotéis e apartamentos, casas de banho e equipamentos em geral. Mas não sabemos como sobreviveriam sem os malae /estrangeiros, dado que a maioria dos locais não habita aquelas infraestruturas. Então como se discute a questão do ambiente e da sustentabilidade? A pressão não parece tão forte como se poderia pensar, dado que, na sua maioria, os visitantes não ficam mais de um dia, ou horas. Poderíamos dizer que alguns vivem na praia, trabalham em Díli e a praia não é um local de turismo.

Poder-se-á pensar que estamos perante duas realidades, muito próximas, de quase todos os residentes, mesmo os portugueses, em maior número, deslocam - se com as suas viaturas, porque não há transportes públicos.

Aqui começam, sim, algumas questões: o barulho, a falta de reciclagem dos lixos, o caótico estacionamento, ou a falta de planeamento e ordenamento dos espaços.

O que será importante para a Praia da Areia Branca?

- Estabelecer mais restaurantes, hotéis, discoteca e casa turísticas? Para quem? Para os jovens timorenses ou para os que visitam Timor e a Praia?

- Criar um centro de educação ambiental que permita conhecer a riqueza da natureza? Para quem? Em que medida interessa à manutenção da conservação do património existente?

- Prevenir as ameaças da sociedade de plásticos, que substitui os materiais locais por elementos de difícil degradação?

- Promover o conhecimento mais profundo da praia em ligação com outras rotas e riquezas culturais e naturais?

Após meses de pesquisa, buscando demonstrar que o objetivo principal do trabalho era acerca da oportunidade de desenvolvimento que a atividade de turismo, principalmente em praia de Areia Branca Díli, pode trazer a Timor - Leste, e a receptividade quanto à atividade dos Timorenses, podemos concluir: constatou - se que o turismo pode ser uma alternativa de desenvolvimento para o país, trazendo melhorias em vários aspetos da vida socio – económica – político - ambiental da nação Timor - Leste, mas não sabemos bem que rumo seguir. Por vezes, os jovens, que são o futuro de Timor - Leste, não estão conscientes da sua riqueza e das ameaças.

Será o Turismo um fator de desenvolvimento económico? Que turistas? No decorrer do trabalho, fui discutindo as especificadas do setor do turismo e a crescente importância de entender as necessidades dos visitantes e oferecer atividades para que os destinos turísticos mantenham sua competitividade perante os demais concorrentes. Não discuti este aspeto, mas Timor situa - se num espaço mais amplo que disputa praias que agradam aos turistas europeus e australianos. Bali, na Indonésia, é a expressão dessa procura. Mas quer Timor essa realidade?

Os resultados das leituras indicaram que a beleza da paisagem, a preservação, é um grande atributo, mais do que a fama dos destinos turísticos. Igualmente a segurança, limpeza e manutenção dos espaços, a variedade da beleza das atrações naturais, a hospitalidade dos residentes, a qualidade dos restaurantes e bares, a qualidade dos meios de alojamento, a disponibilidade de informação para a preparação da viagem e a disponibilidade de serviços e equipamentos, entre outros fatores, são mais - valias de atração.

Um dos pontos levantados quando do inquérito, foi sobre o que achavam acerca da possível degradação da ilha, e foi uma boa surpresa saber que a maioria acredita no desenvolvimento do país, que exigirá iniciativas várias: desenvolvimento de infraestruturas bem planeadas, o ecoturismo, o planeamento e organização turística, a participação da comunidade local, o cuidado com a paisagem, capacitação, segurança, informação turística, desenvolver uma zona turística protegida, com bom planeamento, melhor ambiente e desenvolvimento estruturado.

Entende - se ser muito importante desenvolver ações de responsabilização dos gestores tanto públicos como privados, que deverão trabalhar em conjunto, divulgando o valor da Praia da Areia Branca, Díli, Timor - Leste.

Em suma, levando em considerações todos esses aspetos, é possível entender que o turismo costeiro pode ser uma oportunidade de desenvolvimento de Timor - Leste, mas com muita prevenção dos possíveis impactos negativos. Ficamos cientes que é necessário estudar a interface entre turismo e turismo sustentável numa jovem nação, como fonte geradora de melhorias sociais no Timor - Leste. Talvez seja a forma de competir, de uma forma diferencial, no contexto do turismo realizado no sudeste Asiático. Estas são as nossas conclusões...

Referências bibliográficas

- ANDRADE, José V. de (2000). *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, Serie fundamentos.
- BARRETO, Margarita (1995). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 4 ed. Campinas: Papirus.
- BARROS, Nilson, Cortez, Crocia de. (2000). *Manual de geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens*. Recife: Universitaria da UFPE.
- BONFIN, B. B. R. (2007). *A Geografia na formação do profissional em turismo: discussão sobre uma proposta teórica – metodológico para a região litorânea do Paraná*. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade da São Paulo, São Paulo.
- BOULLÓN, R. (2002). *Planejamento do espaço turístico*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: EDUSC (Coleção Turis).
- BRAMANTE, António Carlos. *Lazer: concepções e significados*. Licere, Belo Horizonte, v.1, n.1. p. 9-17, set. 1998.
- BRAMWELL, B. & Lane, B. (1993). Sustainable Tourism: Na Evolving Global Approach. *Journal of Sustainable Tourism*.
- CAMARGO, Luiz O. Lima (2003). *O que é lazer*. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense.
- CARETO, H. L. S. e Rosário M. (2006). *Turismo e Desenvolvimento Sustentável*. Lisboa: Geota.
- CASTRO, A. F. A. (2006) *O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa*. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAVACO, Carminda, (1999), “O mundo rural português: desafios e futuros”, in Cavaco, Carminda, (Coord.) *Desenvolvimento Rural – Desafio e Utopia*. Lisboa, CEG, pp. 135-148.
- CHAND, M., & Vivek. (2012) Residents’ perceptions towards sustainable tourism development in Manali region. *South Asian Journal of Tourism and Heritage*, 5(1), 157–178.
- CHARLES DARWIN UNIVERSITY. (2009). The Timor-Leste Costal/Marine Habitat Mapping for Tourism and Fisheries Development Project. Está disponível em

<http://www.cdu.edu.au/sites/default/files/research/docs/36091-executive-summary-secured-final.pdf>, acessado em 15 de janeiro de 2016.

COOPER, P.J., & Vargas, C.M. (2004). *Implementing sustainable development: From global policy to local action*. Lanham: Rowman & Littlefield.

COSTA, A. (2007). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In *Metodologia das ciências Sociais*, Ed. 14. Porto: Afrontamento.

CROMPTON, John L. (1979). Motivation for pleasure vacation. *Annals of Tourism research*, 4(4), p. 4008-424.

CUNHA, L. (2006). *Economia e Política do Turismo*. Lisboa: Editorial Verbo.

DANN, G. M. S. (1981) Tourist Motivation: an appraisal. *Annals of tourism research*, 7(2), p. 187-219.

DANN, G. M. S. (1997). Anomie, ego-enhancement and tourism. *Annals of tourism research*, Mar/Apr, p. 184-194.

Dodds, R., & Butler, R. (2010). Common resource use: Policy definition and implementation. *Tourismos: An International Multidisciplinary Journal of Tourism*, 5(1), 35–53.

DUMAZEDIER, Joffre (1973). *Lazer e Cultura popular*. São Paulo: Perspetiva.

DUMAZEDIER, Joffre (1974). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspetiva.

DURAND, Frédéric (2010) – *Timor – Leste, País no Cruzamento da Ásia e do Pacífico. Um atlas histórico-Geográfico*. Lisboa: Lidel

ECONOMIC AND SOCIAL COMMISSION FOR ASIA AND THE PACIFIC. (2001) Plan of action for sustainable tourism development in the Asia Pacific Asia (1999–2005). Bangkok:UN Publications.disponível em http://www.unicef.org/specialsession/documentation/documents/edr_escap_en.pdf. Consultado em 1 de março 2016.

FIGUEIREDO, E., (2003). *Um rural para viver, outro para visitar – o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

FIRMINO, Fabiana dos Santos, LIMA, Clarrise Vasconcelos Fraga de Melo, SOUZA, Luiz Henrique, CROCIA, Nilson Cortez. (2004). Desenvolvimento de Resorts

- Costeiros: Uma Análise da Produção do Espaço do Município de Tibau do Sul (Rn). In: *VIII Encontro Nacional De Turismo Com Base Local – ENTBL*, Curitiba.
- GAIO, Joana Matilde (2014) *O Arquivo e Museu da Resistência de Timor-Leste como atracção turística: proposta de roteiros da Resistência Timorense*. Porto: Dissertação de Mestrado em Turismo apresentada na faculdade de Letras da universidade do Porto.
- GIL, Antônio Carlos. (1994) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- GOMES, Christianne. L. (2004). Verbetes Lazer – concepções. In: GOMES, C.L. (org). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- GOODALL, D. (1991). Understanding holiday choice. In: COOPER, C. P (Org). *Progress in Tourism, Recreation and Hospitality Management*.
- GRIZIO, E. V. (2011). O turismo na ótica geográfica. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 33 (1), 97-105, 2011.
- GURRAN, N., Squires, C., & Blakley, E.J. (2006). *Meeting the sea change challenge: Best practice models of local & regional planning for sea change communities*. Disponível em <https://stokes2013.files.wordpress.com/2014/10/finalseachangereportjan06.pdf>, consultado a 1 abril 2016.
- HAN, J. H., & Oh, C. (2015). Applying the concept of site substitution to coastal tourism, *Tourism Geographies*, 17(3), 370-384.
- ISSO-AHOLA, S. E. (1982). Toward a social psychology theory of tourism motivation: a rejoinder. *Annals of tourism research*, v.9, p. 256-262.
- JOAQUIM, Graça (1994). *Turismo e Ambiente: Complementaridade e responsabilidade. Contribuição para uma abordagem sociológica do fenómeno turístico*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- KELLY, John R; FREYSINGER, Valeria J. *The 21St Century Leisure: Current Issues*. EUA: Allyn e Bacon, 2000.
- KRUJA, D., & Hasaj, A. (2010). 'Comparisons of stakeholders' perception towards the sustainable tourism development and its impacts in Shkodra Region (Albania). *TURIZAM*, 14(1), 1-12.

- KRUTWAYSHO, O., & Bramwell, B. (2010). Tourism policy implementation and society. *Annals of Tourism Research*, 37(3), 670–691.
- LUNDBERG, D. E. (1971) Why tourist travel. Cornell Hotel & Restaurant. *Administration, Quartely*, v.11, PT 4, p. 75-81.
- MARCELLINO, N.C. (2002). *Estudo do Lazer: uma introdução*. 3ª ed. Campinas: Autores associados.
- MARTINS, Luís Saldanha. (2004) *Espaços de Lazer e de Turismo no Noroeste de Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- MASON, P.G. (2003). *Tourism impacts, planning and management*. Sydney, London: Butterworth Heinemann.
- MATHIESON, Alister; WALL, Geoffrey (1996) *Tourism: economic, physycal and social impacts*. Essex: Longman.
- MOESCH, Marutschka M. (2000). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Context.
- MOREIRA, Fernando João (1994). *O Turismo em espaço rural- enquadramento e expressão Geográfica no território português*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos – Universidades de Lisboa.
- OLIVEIRA A. (2001). *Turismo e desenvolvimento: planeamento e organização*. 3.ed.ver. e ampl. São Paulo: Atlas.
- ONG, L. T. J., & Smith, R. A. (2014). Perception and reality of managing sustainable tourism in emerging destinations: the case of Sihanoukville, Cambodia. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(2), 256-278
- ONG, L, T, J., & Smith, R. A. (2014). Perception and reality of managing sustainable coastal tourism in emerging destinations: the case of Sihanoukville, Cambodia. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(2), 256–278.
- Organização Mundial de Turismo (OMT) (1999). Código mundial de ética do turismo. Preparação para um Novo Milénio. Disponível em www.uff.br/entretere/index_files/codigo_de_etica_mundial.doc . Consultado a 1 março 2016*
- PIRES, P. A (2002) Paisagem litorânea como recurso turístico. In. Yázigi, Eduardo; Carlos, Ana Fani A.; e Cruz, Rita de Cássia Ariza. (org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 3a ed. São Paulo: Hucitec. pp. 161-177.

Plano Estratégico de Desenvolvimento de Timor-Leste 2011-2030 (2011). Disponível em http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2012/02/Plano-Estrategico-de-Desenvolvimento_PT1.pdf. Consultado a 1 fevereiro 2015.

Programa de VI Governo Constitucional de Timor-Leste (2015). Disponível em <http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2015/04/Programa-do-VI-Governo-Constitucional-2015-2017.pdf>. Consultado a 1 fevereiro de 2016.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (2008) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, 5ª. Edição. Lisboa: Gradiva.

REGINATO, Sídia Márcia D. (1999) O que promove o lazer, o que promove o homem. MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Lazer e Empresa: múltiplos olhares*. Campinas: Papirus.

RIBEIRO, Gustavo Lins; BARROS, Flávia Lessa de. (2001) *A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo*. In: SERRANO, Célia Maria Toledo; BRUHNS, Heloísa Turini (organizadoras). *Viagens à Natureza*. 5ª ed. Campinas, SP. Papirus. (Coleção Turismo). pp. 27-42.

RIBEIRO, Gustavo Lins; BARROS, Flávia Lessa de. (2001) *A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo*. In: SERRANO, Célia Maria Toledo; BRUHNS, Heloísa Turini (organizadoras). *Viagens à Natureza*. 5ª ed. Campinas, SP. Papirus. (Coleção Turismo). pp. 27-42.

RIBEIRO, J. Cadima; Freitas, Ma Marlene e Mendes, Raquel B., (2000), “ *O Turismo no Espaço Rural: uma digressão pelo tema a pretexto da situação e evolução do fenómeno em Portugal*”, in Actas do VIII Encontro Nacional da APDR “Desenvolvimento e Ruralidades no Espaço Europeu”, Universidade do Minho, pp. 329-341.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (1989) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

RODRIGUES, A. B. (2002). “*Lazer e espaço na cidade pós-industrial*”. *Licere*, Belo Horizonte, v.5, n.1, p. 149-164.

RODRIGUES, A. B. (2001). Desafios para os estudiosos do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (ORG). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec. P.17-32.

RODRIGUES, A. B. (1997). *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. Série Linha de Frente. São Paulo: Hucitec.

RODRIGUES, V. (2009). *Desenvolvimento Sustentável*. Parede: Editora Principia.

- ROLNIK, R. (2000). "O Lazer humaniza o espaço urbano". In: *Lazer numa sociedade Globalizada. Leisure in a Globalized Society*. São paulo: SESC/WLRA.
- RUCHMANN, Doris van de Meene. (1997). Turismo e Planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. 8. Ed. Campinas: Papirus.
- RYAN, Chris (1995). Researching tourist satisfaction: issues, concepts, problems. London: Routledge.
- SANTINI, R, de C.G. (1993). *Dimensões do Lazer e da recreação*. São Paulo: Angelotti.
- SANTOS, Elisa, (2000), (Re) Encontros rurais: contributos para o desenvolvimento de uma estratégia turística – o caso particular de Bucelas, Dissertação de mestrado, ISCTE, Lisboa.
- SANTOS, Norberto Pinto & CUNHA, Lúcio (2008). "Novas oportunidades para ao espaço rural", em Santos, Norberto Pinto & Gama, António (eds) (2008). Lazer. Da libertação do tempo a conquista das práticas. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Geográficos de Coimbra.
- SERRANO, Célia Maria Toledo; BRUHNS, Heloísa Turini (organizadoras). (2001). *Viagens à natureza*. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus. (Coleção Turismo).
- SILVANO, M. J. M. (2006). *O turismo em áreas rurais como fator de desenvolvimento. O caso do parque natural de Montesinho*. (Master management and development of Tourism), Universidade de Aveiro.
- STANLEY C. Plog, (2001). "Why destination áreas rise and fall in popularity," Cornell Hotel and Restaurant Administration Quartelly, Vol. 42, No. 3 (June 2001), pp. 13-24.
- THOMAS, J.(1964) What makes people travel. *Asia Travel news*, p. 66-65, Augusts.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. (2003). Turismo e Política Internacional. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; NETTO, Alexandre Panosso. *Reflexões sobre um novo turismo: Política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph. Serie Turismo. Pp. 15-56.
- TRIVIÑOS, A. N. S. (1987) - *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas.
- UNWTO (1995). *Technical manual: Collection of Tourism Expenditure statistics*, WTO.
- WESLEY, A., & Pforr, C. (2010). The governance of coastal tourism: unravelling the layers of complexity at Smiths Beach, Western Australia. *Journal of Sustainable Tourism*, 18(6), 773-792.
- WESLEY, A., & Pforr, C. (2010). The governance of Coastal Tourism: Unravelling the layers of of complexity at Smiths Beach, Western Australia. *Journal of Sustainable Tourism*, 18(6), 773-792.

WTO, (1993), Recommendations on Tourism Statistics, *World Tourism Organization*, Madrid.

XIMENES, Fernanda de Fátima Sarmiento (2012). ‘O TAIS – Desde os Primórdios à Contemporaneidade’, Paper presented at the conference ‘*Timor-Leste: Memórias e História da Antropologia*’ – on 4th August 2012 (UNTL – Díli), online version of 16 th October 2012, disponível em <http://www.historyanthropologytimor.org/>, acedido em 1 abril 2016.

ANEXOS

Anexo 1: Entrevista a uma profissional de restauração

Entrevista com Mana Fina no Restaurante “Sol e Mar” Metiaut Dili Areia Branca Timor – Leste.

Eu quero entrevistar a Mana Fina porque o Restaurante dela é também um dos restaurantes mais conhecidos em Areia Branca e os malae Portugueses gostam imenso do restaurante de “Sol e Mar” para almoçar, jantar e divertem-se.

Pretendo saber que tipo de pratos existe, pratos típicos tradicionais de Timor.

- Nome de restaurante é **“Sol e Mar”**.
- Chefe de restaurante é **Delfina Maria Baptista Guterres**
- Número tlf: **+67077267644**
- O restaurante abriu em **2004** com proprietário **Individual**.

Só tinha quatro (4) mesas. Naquela altura ainda havia os estrangeiros que trabalhavam nas UN de Díli Timor – Leste e então muitas pessoas ou malae estrangeiros vinham. Procuravam a água de coco. No primeiro dia que abriram só venderam 60 copos de água de coco por dia. Mas agora já vendem 200 copos por dia.

- Teve muitas oportunidades para mostrar a gastronomia de Timor – leste para mundo. Exemplo
 - Em Portugal, Lisboa 2014
 - No Macau duas (2) semanas em 2012
 - E outros.
- Os tipos de pratos :
 - Peixe grelhado
 - Camarão Frito
 - Lulas grelhada
 - Frango grelhado
 - Salgados ex: rejoice e etc..
- Os pratos tradicionais são:
 - Katupa
 - Tukir
 - Ikan saboko
 - Batar daan
 - Legumes (modo fila)
 - Etc...

- Recebe encomendas de comida para festas de casamento, festas de aniversário, formação e workshop e etc...mínimo para quinze (15) pessoas. Para receber uma encomenda tem que ser com 3 (três) dias de antes cedência. Porque precisa de preparar Folhas de Banana (hudi tahan), folhas de palmeira (nu´u dikin), bambú (Aú).

JESUINA MARIA MENDONÇA

Díli, 29 de Agosto de 2015

Anexo 2: Dados do inquérito

Origem

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Local	28	50,9	50,9	50,9
Valid Internacional	27	49,1	49,1	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Idade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
14-17	5	9,1	9,1	9,1
18-25	9	16,4	16,4	25,5
26-40	25	45,5	45,5	70,9
Valid 41-54	11	20,0	20,0	90,9
55-65	4	7,3	7,3	98,2
>66	1	1,8	1,8	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Masculino	31	56,4	56,4	56,4
Valid Feminino	24	43,6	43,6	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Escolaridade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Universitário	44	80,0	80,0	80,0
Secundário	8	14,5	14,5	94,5
Pré-Secundário	3	5,5	5,5	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Profissão

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Professor	15	27,3	27,3	27,3
Funcionário de Empresa Privada	15	27,3	27,3	54,5
Funcionário Público	7	12,7	12,7	67,3
Estudante	14	25,5	25,5	92,7
Advogado	1	1,8	1,8	94,5
Desempregado	1	1,8	1,8	96,4
Jornalista	1	1,8	1,8	98,2
Médico e Professor	1	1,8	1,8	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Origem de Distrito

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Ermera	1	3,6	3,6	3,6
Liquiça	3	10,7	10,7	14,3
Baucau	7	25,0	25,0	39,3
Díli	12	42,9	42,9	82,1
Manatuto	1	3,6	3,6	85,7
Oecusse	1	3,6	3,6	89,3
Ainaro	2	7,1	7,1	96,4
Bobonaro	1	3,6	3,6	100,0
Total	28	100,0	100,0	

SPSS output

País de Origem

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Portugal	16	57,1	59,3	59,3
Austrália	5	17,9	18,5	77,8
Nova Zelandia	2	7,1	7,4	85,2
Suiça	3	10,7	11,1	96,3
Moçambique	1	3,6	3,7	100,0
Total	27	96,4	100,0	
Missing				
System	1	3,6		
Total	28	100,0		

SPSS output

Caráter das visitas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Com família	7	12,7	12,7	12,7
Com Amigo	29	52,7	52,7	65,5
Sozinho	1	1,8	1,8	67,3
Com família-amigo-sozinho	18	32,7	32,7	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Meios de Alojamento

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Casa Própria	25	45,5	45,5	45,5
Apartamento	21	38,2	38,2	83,6
Casa de parentes	4	7,3	7,3	90,9
Casa Pública	1	1,8	1,8	92,7
Hotel	4	7,3	7,3	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Frequência de visita

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Uma Vez	5	9,1	9,1	9,1
Duas Vezes	2	3,6	3,6	12,7
Três Vezes	11	20,0	20,0	32,7
≥ quatro vezes	37	67,3	67,3	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Tempo de Permanência

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1 hora	6	10,9	10,9	10,9
2 a 3 horas	32	58,2	58,2	69,1
4 a 6 horas	17	30,9	30,9	100,0
Total	55	100,0	100,0	

SPSS output

Anexo 3: Guião de Questionário



Caro(a) Senhor(a),

Jesuina Mendonça, aluna do Mestrado em Turismo, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e estando a realizar uma dissertação que tem como título “Turismo e lazer no espaço litoral da Praia de Areia Branca, Díli, Timor-Leste”, pretende recolher informação que ajude a compreender como é que a atividade económica e o lazer se desenvolvem naquela praia.

Este questionário visa recolher dados para apoiar a investigação. Garante-se a confidencialidade dos dados recolhidos, que são anónimos. Os resultados serão usados apenas na realização desta investigação.

Certos de poder contar com a sua colaboração, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,
JESUINA MARIA MENDONÇA
15 de abril de 2016

QUESTIONÁRIO

I. Dados pessoais (Assinale X com a resposta correta)

1. Idade:

- ☐ De 10 aos 13 anos
- ☐ De 14 aos 17 anos
- ☐ De 18 a 25 anos
- ☐ De 26 a 40 anos
- ☐ De 41 a 54 anos
- ☐ De 55 a 65 anos
- ☐ De 66, inclusive, em diante anos

2. Sexo:

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

3. Grau de Escolaridade:

- ☐ Sem formação formal
- ☐ Primária (1º a 6º)
- ☐ Pré-secundária (7º a 9º)
- ☐ Secundário
- ☐ Universitário

4. Profissão:

- ☐ Funcionário público

- ☐ Funcionário de empresa privada
- ☐ Comerciante
- ☐ Professor
- ☐ Estudante
- ☐ Outro. Qual? _____

5. Residência fixa:

- ☐ Residente. Qual? _____
- ☐ Turista. Qual? _____

II. Dados sobre Praia de Areia Branca

6. Viajou com destino à Areia Branca:

- ☐ Com família
- ☐ Com amigos
- ☐ Sozinho
- ☐ Outro. Qual? _____

7. Motivo de visita de Areia Branca:

- ☐ Lazer
- ☐ Banho de Mar
- ☐ Restaurante
- ☐ Café
- ☐ Exercício na praia
- ☐ Trabalho – negócios
- ☐ Outro. Qual? _____

8. Qual e meio de alojamento utilizado:

- ☐ Hotel
- ☐ Apartamento
- ☐ Casa própria
- ☐ Casa de parentes/Amigos
- ☐ Camping
- ☐ Outro. Qual? _____

9. Quantas vezes para visitar ao destino de Areia Branca:

- ☐ Uma vez
- ☐ Duas vezes
- ☐ Três vezes
- ☐ Quatro ou mais vezes

10. Tempo de permanência no destino de Areia Branca:

- ☐ 1 hora
- ☐ 2 a 3 horas
- ☐ 4 a 6 horas
- ☐ 1 dia ou mais.

Quantos? _____

11. Na sua opinião, um projeto turístico bem planejado seria um caminho para implementação de desenvolvimento?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Justifica a sua resposta:

12. Que fatores podem contribuir para o desenvolvimento de turismo na região de Areia Branca DÍli?

Justifica a sua resposta:

13. Você gostaria de saber mais sobre atividade turística em Areia Branca DÍli?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Justifica a sua resposta:

Muito obrigado por colaborar! ☺

Melhores Cumprimentos
Gie Mendonça

Anexo 4: Números de Hotéis, Bares e restaurantes em praia de Areia Branca Díli

Hotéis e Apartamentos

NO	ACCOMODATION	Apartment	ROOM			Total	Bed	Total Acomodation	EMPLOYEES				Total	ADDRESS	CONTACT
			P.Suite	Suite / Family	Deluxe (Double-Twin)	Standard			LOCAL		FOREIGN				
									M	F	M	F			
1	BEACH SIDE HOTEL				14		14	28	1	3	12		15	Fatucama / Metiaut	77502184
2	HOTEL CALIFORNIA			19	23		42	65	1	12	8		20	Becaril – Metiaut / white Sands	77237250
3	NOVO HORIZONTAL			8	33	44	85	118	1	15			15	Metiaut	3311237
4	PONTO DE ENCONTRO HOTEL				5	18	23	28	1	10	20		30	Metiaut - Díli	77234630
5	THE BEACH HOUSE													area branca	77282725
6	JL PARADISE RESORT & SPA													Metiaut	77233016
7	ISLAND HOME & GARDEN													Metiaut	7726633
8	CASATEN	1		6	6		12		1	4			4	Metiaut	77232000

Fonte: Direção Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério do Turismo, Arte e Cultura, 2015.

Restaurantes e Bares

NO	NAME OF COMPANY	TYPE OF MENU	FACILITIES		ADDRESS	CONTACT	EMPLOYMENT				PRICE OF MENU
			TABLE	CHAIR			LOCAL		FOREIGN		
							M	F	M	F	
1	Timor Top	Seafood	10	40	Fatukama,Cristo Rei	77235188	2	2			\$5.00 /\$10.00
2	Blue Ocean	Seafood	14	56	Fatukama,Cristo Rei	77883231	1	4			\$5.00 / \$10.00
3	Taululi Valey /Golf Club	Seafood,Fried rice & Soup	26	156	Fatukama,Cristo Rei	77356921	2	14	2		7
4	Sol e Mar	Seafood	16	64	Fatucama,Area Branca	77267644	1	7			10
5	Caz Bar	Gormet Pizza	20	80	Fatucama,Area Branca	77041266	2	4			\$5.50,\$9.50
6	Malmiquier Restaurant	Timorese Food	14	56	Becari,Metiaut	77363403		5			\$5.00,\$10.00
7	Zella Reataurant	Seafood	25	100	Becari,Metiaut	77585008	3	5			\$3.00,\$6.00
8	Little Pataya Restaurant	Idonesia Food	18	72	17 de Abril,Metiaut	77302922	6	2	2	1	\$5.00,\$10.00
9	Titos Restaurant	português Food	16	64	17 de Abril,Metiaut	78020217	1	4			\$15.00,\$17.00
10	Diza Restaurant	Seafood,beef steak & pasta	50	200	17 de Abril,Metiaut	78089877	2	19		1	\$5.00-12.00
11	Vitoria Restaurant	Seafood Buffet	20	400	17 de Abril,Metiaut	77317872	1	11			\$100-80.00
12	Early Sun	Seafood	41	164	17 de Abril,Metiaut	77740202	1	23	1		\$8.00 - \$30.00
13	Winmill Bistro Restaurant	China Food & Weaster food	20	80	Metiaut	77158183	8	13	3		\$4.00-180.00
14	Morin restaurant	Indonesian,Eropa & china food	20	80	Metiaut Fatukama	73620240			2		\$1.00 - \$3.50
15	Saigon restaurant	Sea food	18	72	Metiaut 17 de Abril	75312111	2	3			\$5.00 - \$28.00
16	Nelayan restaurant	Sea food & Indonesian food (buffet)	15	60	Metiaut	77373684	5	5	1		\$5.00 - \$80.00
TOTAL			343	1744			37	121	11	2	

Fonte: Direção Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério do Turismo, Arte e Cultura, 2015.